



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA SAÚDE E TECNOLOGIA
CURSO BACHAREL EM JORNALISMO

ALICY BEATRIZ TEIXEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NO JORNAL NACIONAL DURANTE OS
MESES DE JANEIRO A JUNHO DE 2022**

Imperatriz - MA

2024

ALICY BEATRIZ TEIXEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NO JORNAL NACIONAL DURANTE OS
MESES DE JANEIRO A JUNHO DE 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título de
Bacharel em Jornalismo pela Universidade
Federal do Maranhão – UFMA

Orientador (a): Prof. Dr. Domingos de Almeida

Imperatriz- MA

2024

ALICY BEATRIZ TEIXEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTE NO JORNAL NACIONAL DURANTE OS
MESES DE JANEIRO A JUNHO DE 2022**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão - CCIM, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Domingos Alves de Almeida
Universidade do orientador

Prof. Dr. Ricardo Costa Alvarenga
Universidade do avaliador 1

Prof. Me. Carlos Alberto Claudino Silva
Universidade do avaliador 2

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Teixeira, Alicy Beatriz.

A Representação do Nordeste no Jornal Nacional durante os meses de Janeiro a Junho de 2022 / Alicy Beatriz

Teixeira. - 2024.

67 f.

Orientador(a): Domingos Alves de Almeida.

Monografia (Graduação) - Curso de Jornalismo,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Nordeste. 2. Telejornal. 3. Região. 4.
Regionalismo. 5. Jornal Nacional. I. Alves de Almeida,
Domingos. II. Título.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar como a região Nordeste é noticiada pelo Jornal Nacional. Telejornal brasileiro que tem um amplo alcance e que desenvolve o papel de noticiar às pessoas sobre o que acontece em solo brasileiro. A partir das notícias o telejornalismo constrói representações, é através dele que muitas pessoas ficam sabendo o que está acontecendo e muitas vezes “conhecem” determinados lugares. Desta forma, o presente estudo visa observar quais os principais temas são noticiados durante os seis primeiros meses do ano de 2022, sendo utilizada para o levantamento das edições estudadas a ferramenta da semana construída. Os referenciais teóricos principais são Albuquerque (2011), Freyre (2004) e Hall (2016). Para a construção desse estudo, a metodologia empregada foi a Análise do Discurso de linha Francesa, com base descritiva e interpretativa dos discursos verbal e não verbal do telejornal. Como forma de consolidar mais ainda a pesquisa foi utilizado poemas, músicas e filmes culturais na construção desse trabalho.

Palavras-chave

Nordeste; Telejornal; Região; Regionalismo; Jornal Nacional

ABSTRACT

The general objective of this study is to analyze how the Northeast region is reported on by Jornal Nacional. This is a Brazilian news program that has a wide reach and that plays the role of reporting to everyone about everything that happens on Brazilian soil. Based on the news, news programs build representations, and it is through news that many people learn about what is happening and often “get to know” certain places. Thus, this study aims to observe which main topics are reported during the first six months of 2022, using the idea of the constructed week. The main theoretical references are Albuquerque (2011), Freyre (2004) and Hall (2016). To construct this study, the methodology used was French Discourse Analysis, with a descriptive and interpretative basis of the verbal and non-verbal discourses of the news program. As a way to further consolidate the research, poems, songs and cultural films were used in the construction of this work.

Keywords

Northeast; Newscast; Region; Regionalism; National Newspaper

SUMÁRIO DE FOTOS

- 1 Foto do arquivo da rede Globo: Cid Moreira e Hilton Gomes p. 36
- 2 Foto do arquivo Globo – William Bonner e Renata Vasconcellos p.38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.7
CAPÍTULO 1 - UM NORDESTE NARRADO POR “EU”	p.9
1.1 Dois Nordeste, uma família	p.10
1.2 Raízes Sagradas: Infância	p.12
1.3 Minha mocidade religiosa em meio às cores e sons do Nordeste	p.13
1.4 A educação como instrumento de transformação	p.15
1.5 A pesquisa e o ensino superior	p.18
CAPÍTULO 2 – NORDESTE; REGIONALISMO; REPRESENTAÇÃO	p.20
2.1 O Nordeste dos rios	p.25
2.2 Nordeste de paisagens e história	p.28
2.3. Regionalismo x Representação	p.30
CAPÍTULO 3 – JORNAL NACIONAL: TELEJORNAL DE HORÁRIO “NOBRE” E SUA LINGUAGEM	p.36
3.1 Um olhar sob a metodologia e os temas	p.39
3.2 Análise de Janeiro 2022	p.42
3.3 Análise de Fevereiro de 2022	p.45
3.4 Análise de Março de 2022	p.48
3.5 Análise de Abril de 2022	p.51
3.6 Análise de Maio de 2022	p.54
3.7 Análise de Junho de 2022	p.57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.59
REFERÊNCIAS	p.63

INTRODUÇÃO:

Nesta pesquisa irei observar as menções da região do Nordeste no Jornal Nacional (JN) da rede Globo, com o objetivo de analisar como foi noticiado em um telejornal de horário “nobre”, que recebe esse título devido ir ao ar em um momento estratégico para a emissora. Para alguns pesquisadores esse termo, não foi criado, apenas surgiu ainda no rádio e é adaptável a cada sociedade, já para outros é o momento estratégico que todos estão em casa, logo tem maior audiência e acaba por receber investimento financeiro maior. Em síntese não há registros do surgimento desse termo.

Um telejornal é construído com alguns termos técnicos que o telespectador desconhece. Bem como, é importante explicar as seguintes nomenclaturas dos recortes, que são: Nota Coberta, Nota Pelada e Reportagem. Todos possuem a sua importância dentro da notícia, porém cada um tem seu espaço cronometrado e impacto de forma distinta. A Nota Coberta mostra o apresentador no primeiro momento lendo a temática e seguindo com imagens e texto. Nota pelada, apenas o texto lido pelo apresentador sem imagens sobre o fato. E as reportagens que são construções mais delongadas sobre um determinado assunto. O apresentador de um telejornal também pode ser chamado de âncora.

Indo adiante a metodologia utilizada nessa pesquisa é Análise de Discurso de linha Francesa, para que o processo de escrita possa ser mais fluído. Adicionalmente, foi assistido as edições do Jornal Nacional de janeiro a junho de 2022, a partir da ferramenta da semana construída que trata de “iniciar o trabalho de análise de notícias num determinado dia da semana e, na semana seguinte, dar-lhe sequência utilizando o dia posterior, e assim por diante até que todos os dias fossem analisados” (FRANCO, 2010, p. 16).

Desse modo, foi possível mapear 36 momentos em que o Nordeste recebe um recorte no programa que passa em praticamente todo o solo nacional. O levantamento somente foi possível devido a plataforma de streaming da própria rede Globo – Globoplay - que disponibiliza as edições datadas de todo o telejornal, através de uma assinatura paga. Com as informações, foi possível ainda pontuar quais os estados do Nordeste mais são pautados, quais os principais assuntos sobre o povo nordestino que vão ao ar no JN e se há um espaço amplo sem notícias sobre o Nordeste em relação a programação do telejornal nacional.

Bem como, o fato de não haver enquadro, tem seus significados, pois, a ausência do Nordeste leva a um mascaramento da região e seus ocorridos no dia a dia. Não é possível que naquele dia não houve uma notícia na terceira região brasileira mais expansiva, então quais os critérios de noticiabilidade? Apesar de não ser o viés desse estudo é impossível não questionarmos a importância dos frames e a noticiabilidade “conjunto de valores notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia” (Traquina, 2005, p. 63).

Nesse sentido, esse estudo está dividido da seguinte maneira: introdução, primeiro capítulo contando minha história, segundo capítulo Nordeste; Regionalismo: Representação, e o terceiro capítulo de análise das edições. Por fim, faço minhas conclusões.

CAPÍTULO 1 - UM NORDESTE NARRADO POR “EU”

Sou o gibão do vaqueiro, sou cuscuz sou rapadura
 Sou vida difícil e dura
 Sou nordeste brasileiro
 Sou cantador violeiro, sou alegria ao chover
 Sou doutor sem saber ler, sou rico sem ser granfino
Quanto mais sou nordestino, mais tenho orgulho de ser
 Da minha cabeça chata, do meu sotaque arrastado
 Do nosso solo rachado, dessa gente maltratada
 Quase sempre injustiçada, acostumada a sofrer
 Mais mesmo nesse padecer eu sou feliz desde menino
 Quanto mais sou nordestino, mais orgulho tenho de ser

Terra de cultura viva, Chico Anísio, Gonzagão de Renato Aragão
 Ariano e Patativa. Gente boa, criativa
 Isso só me dá prazer e hoje mais uma vez eu quero dizer
Muito obrigado ao destino, quanto mais sou nordestino
Mais tenho orgulho de ser

Bráulio Bessa

A escolha do poema “Ser Nordestino”, para iniciar o primeiro capítulo, não foi aleatória. O Nordeste é uma região rica em cultura e identidade, sendo inviável abordá-lo sem ressaltar elementos culturais da sua comunicação e o orgulho do ser nordestino. Uma vez também que essa pesquisa, foi construída por uma nordestina, nascida no interior do Maranhão, é de notar o cordão umbilical entre a autora e a região. É importante ressaltar que essa conexão pessoal não compromete, de forma alguma, a objetividade e a rigorosidade científica desta investigação.

Com a finalidade de contar um pouco da minha história de vida, para que assim seja possível compreender a ligação com a temática, peço licença para fazer uso da primeira pessoa, durante o primeiro capítulo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Ressalto também que durante a construção deste capítulo, a escrita será simples para que seja de fácil acesso e compreensão para os leitores, visto que, as

narrações sobre o cotidiano e os locais que já vivi podem lhes auxiliar, na visualização das paisagens e ambientações do meu Nordeste.

O narrador de uma história tem o papel imprescindível nas construções de representações sobre determinado acontecimento ou objeto. Uma vez que eu sou a narradora, a forma como detalharei a crônica influenciará em sua imaginação. Segundo Carvalho (2016, pg.53) “a memória envolve as vozes, individuais e sociais, sem ignorar para quem se narra e por que se narra”. Deste modo, a minha escrita parte de uma escrevivência, alimentada por uma paixão pela comunicação, pelo saber e por comunicar às pessoas, o Nordeste que meus familiares conheceram, o que me recebeu nessa terra e o que me acompanhou durante o curso superior.

No Brasil existem mais de 203 milhões de pessoas, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), elas se dividem nas cinco regiões do país: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Dentro de cada território existem variações linguísticas e diferenças entre a música, a culinária, os brinquedos e quase que todo o modo de viver. Bem como, cada cidade ou interior também possui suas peculiaridades da capital.

1.1 Dois Nordeste, uma família

Localizada no interior de Viana, a 218 km da capital, São Luís, em um povoado chamado Olho d'água, morava a família Teixeira. Martinho Domício Teixeira, um homem preto, forte, analfabeto, mais cheio de saberes da vida, do mato e dos bichos, Luzia Raimunda Araújo, uma mulher negra “de família”, prendada, dona de casa e mãe de sete meninas: Raimunda, Maria, Tereza, Iranice, Bibiana, Bernarda, Dina e Catarina eram elas que ajudavam o pai na roça e a mãe com as coisas de casa.

Martinho ou Juçara como era conhecido, meu bisavô, com sua determinação levantou a própria casa de barro e palha para suas filhas e sua mulher Luzia, minha bisavó. Dois quartos, uma cozinha e uma sala. Uma casa grande, com direito a todas as terras ao redor para cultivarem a farinha e o arroz. Todos ajudavam e assim que os netos foram crescendo, eles também participavam do cultivo e colheita.

Ademais, a vida no Olho d'água, não era somente trabalho, havia também as noites de tambor e de reza. Minha bisavó era uma caixeira, reconhecida e Martinho era respeitado por todos os povoados. Juntos organizaram festas com entoadas autorais, comida e bastante molejo. A vida no “mato” proporcionou às filhas dos meus bisavós aprenderem a dançar, costurar, quebrar coco, ordenhar vacas e mexer com

os cultivos. A agricultura familiar permitiu a Martinho explorar terras próximas, o que era bastante comum naquela época. Com a ajuda do seu cavalo “Grande” iniciou uma jornada de fazer negócios com outras pessoas da região que também plantavam.

Não sei ao certo o porquê de Santa Inês e não outra cidade ao redor. Nem mesmo as minhas tias avós, sabem o motivo da escolha, já que cada uma chegou à cidade movida pelo mesmo desejo, “ter algo mais”, porém em momentos diferentes, iniciaram uma nova vida na cidade, conhecida pela sua brava gente e seu comércio ativo.

Na cidade o trabalho era outro, elas precisavam trabalhar em casa de família, como cozinheira, babá e doméstica para se manter. Minha avó era a mais velha de suas irmãs e não queria sair do interior, ela gostava do espaço que tinha, porém, em busca de proporcionar um estudo melhor do que teve para seus filhos mudou-se também para Santa Inês, com Raimunda Nonata (minha mãe), José Domingo e João Raimundo, todos cresceram tendo como figura paterna seu avô Martinho.

O Nordeste deles mudaram, e não é que o Nordeste do mato e do cultivo não existisse mais, apenas foi necessário conhecer um outro onde havia casas de tijolos, carros e outras possibilidades de profissões. Minha mãe Raimunda Nonata iniciou os seus estudos na cidade e logo fez amizades. Por ser criança não precisava trabalhar, apenas estudar. No ápice da sua juventude se encantou por um vizinho, amigo da família e aos 18 anos, ficou grávida da primeira filha, Alicy Beatriz Teixeira, eu mesma. Meu pai, Aécio da Silva Barbosa, também não assumiu a responsabilidade e nem se fez presente. Desse modo, inicia a história do meu Nordeste.

Nasci no Hospital Tomás Martins, às 17h40, o que para quem acredita pode influenciar bastante na minha personalidade. Sou filha de Raimunda Nonata Teixeira e neta de Raimunda Teixeira, também mãe solo, que morreu de Câncer Uterino aos 62 anos, bisneta de Luzia que faleceu de AVC, quando eu ainda tinha apenas dois anos de idade.

A geração das minhas tias avós refletiu bastante na minha formação, pois foram porto seguro para mim desde o ventre da minha mãe. Por isso, apresentei um pouco da realidade delas, saudosamente, já que não tive contato com o local, mas sinto-me ligada àquelas terras que outrora pertenceu a minha família, um povo nordestino, que antes de qualquer coisa como define o escritor Euclides da Cunha é um povo forte.

A história da minha bisavó me instiga a prosseguir rumo a alcançar um futuro brilhante. As lembranças da minha vó me confirmam que estou no caminho certo. Consigo observar nos atos da minha mãe o orgulho de ter uma filha que almeja e alcançou o curso superior. Mais no toque da minha tia Catarina e nos seus abraços de aconchego sinto toda a minha ancestralidade vibrando por minha vitória e que carrego comigo as mulheres da minha família, fortes e cheias de desejo.

1.2 Raízes Sagradas: Infância

Eu me autoavalio como sendo uma pessoa de muita sorte, por ter duas mães. Tenho uma mãe biológica, que não apenas me gerou, mas também cuidou de mim com muita dedicação. Ademais, posso contar como uma figura materna na minha vida, a minha tia-avó Catarina Araújo, que não somente demonstrou amor e cuidado, mas também teve um papel fundamental na formação da minha personalidade.

Mesmo ainda bebê, acompanhava o marido da minha tia, Jó Alves, em suas viagens aos povoados que ela lecionava. Esse trajeto importante refletiu em meu desenvolvimento, tanto que aos dois anos de idade deixei de me alimentar com leite materno. Além do mais, tornei-me cada vez mais próxima da minha tia e do seu marido, tendo eles na minha vida como uma representação de meus pais, por isso precisava sempre da permissão deles para passear ou até mesmo sobre o que fazer.

Apesar de ter no meu quintal Pé de manga, goiaba, acerola e mamão eu não tenho uma ligação com o cultivar ou colher as frutas. Sempre fui muito medrosa, então não gostava de entrar no mato ou subir em pé de árvore, como as outras crianças. Era comum que eu ficasse perto, esperando que a pessoa que estava em cima da árvore jogasse a fruta para mim, que estava com os pés na terra. Até hoje volta e meia me pego andando sem sandálias, sentindo a energia que somente a terra consegue passar para o nosso corpo. No meu Nordeste havia árvores carregadas de frutas, havia bolos feitos de terra e as mangas que durante o seu tempo deixavam o chão do meu quintal todo amarelo.

Mais no meu Nordeste também havia as tecnologias, nasci em uma geração beneficiada por elas. Durante os anos 2000 a população estava aprendendo a lidar com as primeiras redes sociais e acessar os computadores e celulares sofisticados para aquele período. Conforme crescia, as ferramentas tecnológicas iam evoluindo, não era uma criança que possuía os aparelhos, devido a situação financeira, mas conseguia manuseá-los com mais facilidade que minhas tias, que no tempo de moça

aprenderam a utilizar a máquina de escrever, não o computador, ligavam pelo orelhão ou se comunicavam através de cartas.

Minha infância não foi solitária, sou a mais velha de três meninas, Ana Livia Teixeira e Iasmim Cristine Teixeira. Junto a elas e meus primos brincávamos no quintal de casa, realizando comícios de política, apresentações musicais, de escolinha e de boleiras. No fundo do quintal poderíamos ser tudo que desejássemos, esses momentos eram sempre repletos de diversão e risadas, proporcionando lembranças preciosas da minha infância.

Quando se é criança a imaginação é fértil e com os pensamentos é possível criar performances que se tornam verdadeiras durante o momento. Conforme crescemos, as brincadeiras foram mudando, das atuações no quintal fomos para a rua brincar de pega-pega, tacobol, esconde-esconde, salva latinha ou três linhas. As brincadeiras populares eram as mais divertidas, e quando notamos muitas outras crianças estavam aguardando a “barreira” para participar.

Ao entendermos que a nossa história e o contexto ao qual fazemos parte, pode desenvolver uma consciência profunda sobre a nossa própria formação e o papel que desempenhamos, observamos com detalhes até mesmo os pequenos atos. Carvalho (2016, p.39) afirma que “a história de vida como processo de formação é uma forma de apropriação da própria história e do lugar que ocupamos ao tomarmos consciência da autoformação como experiência individual no processo de formar a si mesmo nos ambientes aprendentes.”

Em suma, minha infância nesse Nordeste foi marcada por experiências distintas. Vivenciei mudanças no ambiente com a chegada da tecnologia. As casas foram se modificando, e surgindo prédios ao redor do meu bairro. Algumas pessoas foram indo embora outras chegando e a todas que tive contato sou grata, pois sinto que muito aprendi.

1.3 Minha mocidade religiosa em meio às cores e sons do Nordeste

No bairro onde cresci, Alto do Olegário, situado dentro de um espaço de dois quarteirões, havia quatro igrejas de diferentes denominações. Adventista, Assembleia Missões, Comunidade São Raimundo Nonato e Assembleia Anápolis. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 os nordestinos que se identificavam como católicos eram mais de 70% naquela época. Durante a minha jornada espiritual, transitei por todas as igrejas do bairro, em busca de me sentir

próxima de Deus. Participei da catequese, fui desbravadora e desempenhei o papel de professora da Escola Bíblica Dominical (EBD).

O local estava bem dividido, e havia moradores suficiente para as igrejas e suas liturgias. No contexto da minha rua, todos se ajudavam, criando um ambiente que se assemelhava a uma grande família, ligados pela ponderação da comunidade. À noite nossa rua ganhava vida com as pessoas nas portas e as crianças na rua brincando até tarde.

Em época de festividade, alguns grupos de dança se reuniam e realizavam apresentações que encantavam a todos. Entre as atrações estavam quadrilhas, bumba meu boi, danças portuguesas e ocasionalmente, performances de cantores locais. Quase sempre as coisas eram realizadas a base do improviso dos moradores, os grupos de dança eram formados principalmente pelos jovens que residiam no bairro e refletiam a alegria de pertencimento. Independentemente da idade, todos, desde idosos até as crianças, adolescentes e adultos, se reuniam nas calçadas para assistir.

Muitos ocorridos influenciavam no dia a dia, logo não é possível definir o bairro como sendo tranquilo. Havia os festejos da comunidade São Raimundo Nonato, que realizavam tradicionalmente o leilão do galetto, a mobilização dos protestantes que saíam nas ruas evangelizando, desse inclusive participei durante mais de seis anos da minha vida. Ademais, havia quase sempre outras manifestações que ocorriam pela cidade. Era possível encontrar ainda os bloquinhos, em período de carnaval, as baladas, os encontros de boi e as festas de radiola e tambor.

Com o decorrer do tempo, as tradições foram pouco a pouco sendo influenciadas pela modernidade. Os costumes antigos deram lugar a novas práticas, as quadrilhas trocaram os tradicionais passos por dancinhas do TikTok, um aplicativo/rede social feito para criar conteúdo midiáticos curtos. Alguns costumes como o Judas e sua leitura de testamento deixaram de ser feitos. Lembro-me dos testamentos que minha madrinha organizava e todos riam das heranças deixadas por Judas, uma figura emblemática durante a Paixão de Cristo.

O catolicismo era a religião predominante dos meus familiares, as rezas também faziam parte da criação delas. O “Credo” é considerado uma das rezas mais fortes, e desde muito novas minhas tia-avó aprenderam para buscar proteção, porém não conseguir aprendê-lo por completo. Sempre acreditei em toda expressão de fé,

que se revelava em promessas, orações ou milagres, por isso, o desejo de aprender uma reza forte e linda.

Assim como os costumes de festa junina e de carnaval que deixavam a rua colorida, andando pelo bairro durante o período de copa, facilmente encontrava um lindo desenho da bandeira nacional adornando o chão, as casas sendo decoradas com bandeiras e toalhas da nação. Juntos os moradores coloriam as ruas e confeccionavam as bandeirolas. Dessa forma, cresci com um regionalismo presente e latente em práticas simples realizadas pelos moradores. Afinal, temos a arte para não morrermos de verdade, como reflete o filósofo Friedrich Nietzsche.

Muitos dos aspectos culturais que vivi refletiram na minha identidade e refletem no apego emocional que sinto por minha terra e suas tradições regionais. Para os que cresceram dentro desse contexto importante, com raízes. As participações ativas em danças, coreografias de igreja ou em procissões, são momentos de grande significado. Visto que vão além de simples práticas que celebram a cultura local, fortalecem a comunidade, seus laços e senso de pertencimento à sua região, enchendo os indivíduos de orgulho por sua base e personalidade cultural.

1.4 A educação como instrumento de transformação

A educação sempre desempenhou um papel importante em minha vida, sendo um agente transformador. Mesmo com muito ainda para ver e viver consigo observar nitidamente o impacto significativo que teve em meu percurso. Desde os primeiros passos, estava imersa no ambiente escolar, frequentando a escola que minha tia Catarina lecionava, em um povoado chamado Muriçoca, que fica a 21,5 km de Santa Inês, cidade que residíamos. Embora ainda engatinhasse pelos cantos, foi na biblioteca que eu encontrei os verdadeiros tesouros para mexer, os livros.

O Nordeste, carregado de culturas e tradições, é berço de renomados escritores como Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna e Bráulio Bessa. A arte de expressar em palavras o âmago de suas terras não apenas cativou o mundo, mas causou um intenso sentimento de identidade. Quanto mais exploro e pesquiso sobre o meu próprio lugar, encontro uma conexão íntima e ousa falar que seja semelhante àquela que esses grandes escritores manifestam em suas obras.

Não fui para a creche como as outras crianças do meu bairro, minha primeira escola foi particular, paga pelas minhas tias que trabalhavam como professora e a outra como doméstica. A escola possuía turmas apenas do 1º ano ao 5º ano do ensino

fundamental e foi nesse período que aprendi a ler e a resolver os primeiros problemas de matemática. Por outro lado, conheci lá os hinos que eram liturgia serem entoados toda manhã na quadra de esporte, hino da bandeira, nacional, da república, o maranhense e o da cidade que sempre foi o meu favorito, por ter em sua melodia o ritmo do bumba meu boi e em sua letra conseguir exaltar a história, o povo e a cultura.

O hino de Santa Inês, exalta a história e as riquezas da cidade maranhense. “Outrora no Vale do Pindaré, antes das vilas e dos canaviais, predominava o índio Amanajé, em meio às sombras dos babaçuais”, repercute a lembrança de um passado ligado à ancestralidade. Destaca o crescimento econômico gerado pelo trabalho - “pela pesca, lavoura e pecuária”. E frisa a hospitalidade e orgulho da “Brava gente, terra amada!”. A cultura da Princesa do Vale do Pindaré, como também é conhecida, é rica pelas mais diversas festas culturais que vão desde o bumba-boi ao carnaval vibrante e a festa do divino. “Hoje, esbelta e tão modelar cidade” possui um comércio ativo, que movimenta a economia.

Segundo Mesquita (1998, p.1) os babaçuais “até o início dos anos setenta era considerado um dos principais produtos da agropecuária maranhense”. O ato de extrair o coco babaçu é uma atividade tipicamente praticada por mulheres conhecidas como quebradeiras de coco babaçu; minha avó fazia parte desse grupo de mulheres. Ademais, a pesca, a lavoura e a pecuária também eram fontes de renda. Esta última prática ainda hoje é bastante realizada no Rio Pindaré, símbolo da união entre as duas cidades que possuem relação de mãe-filha.

O ensino era de qualidade na cidade, contudo não conseguia me sentir acolhida na sala de aula, nem pertencente àquele espaço. Assim, não senti falta quando precisei me mudar para outra escola, devido ter turmas somente até a 5^o série. E foi durante o meu período na igreja Adventista, que consegui uma bolsa de estudos para fazer o 6^o ano, não era meu desejo ir novamente para uma escola particular, porém, como minha família não tinha condição financeira, e eu sabia que a única forma de mudar essa realidade era estudando, aceitei e me permiti conhecer o ensino que era bastante reconhecido por suas normas e seus profissionais capacitados. A minha relutância tinha muito a ver com o fato de que apesar de estar em um ambiente confortável, eu novamente não me sentia pertencente àquele espaço e foi exatamente o que aconteceu.

Para chegar à escola Adventista, todos os dias precisava acordar 5h40 da manhã, porque minha mãe me levava andando, na maioria das vezes antes mesmo

do sol surgir ela me acordava e me preparava para ir à escola ao som de Mastruz com Leite na rádio FM. Tinha aulas das mesmas disciplinas que meus colegas que estudavam em uma escola do bairro. Na minha cabeça infantil, sem conhecimento concreto sobre a realidade, apenas a estrutura era diferente, mas no dia-a-dia os desafios/oportunidades não eram as mesmas.

Na primeira chance que tive argumentei com os meus familiares sobre a escola. Consegui ir estudar o 7º ano na Escola Municipal Inês Galvão, que fica no bairro, outrora a minha mãe estudou e todos os colegas próximos estudavam. Assim que cheguei senti-me em casa, os rostos eram familiares, os colegas da igreja estudavam comigo, todos eram meus vizinhos, e logo não tinha apenas a minha irmã e primos para brincar, pois conhecia os outros adolescentes do bairro.

Estudei e vivi na escola municipal, provei os lanches que realmente nem sempre eram bons, vi de perto as salas sem janelas e muitas crises de água, energia e até de falta de cadeiras. Foi muito revoltante observar que a educação não era para todos igualmente. No meu Nordeste, o professor de química também dava aula de biologia e matemática. Eles eram sobrecarregados de turmas e de disciplinas, o que afetava no dia a dia. O ápice da minha passagem pela escola pública, foi quando no 9º ano em uma pequena sala com apenas dois ventiladores, que nem funcionava direito, estudava quase 50 alunos, pela manhã. Percebi que ali já não me cabia mais e apesar de ter feito lindos laços, mudei para o turno vespertino que havia somente 15 alunos na turma. O meu Nordeste apesar de amigo não era justo.

Posso afirmar que conheci os dois lados da educação, tanto a particular como a pública e aprendi em ambas sobre a vida e suas oportunidades diferentes. O meu ensino médio cursei no Instituto Federal do Maranhão - campus Santa Inês, lá consegui sentir o que vivi nas duas realidades do ensino básico que passei. Em uma turma de 36 alunos, muitos de cidades vizinhas, havia negros, indígenas, brancos, ricos e pobres, parecia perfeito, mais com o dia a dia precisei travar lutas.

Os adolescentes tendem a achar que são detentores do saber e por isso não medem as consequências de suas ações. Durante o meu ensino médio as circunstâncias me fizeram me posicionar em muitos momentos contra aqueles que se diziam meus colegas e estavam praticando o que outrora me fizera chorar bastante.

1.5 A pesquisa e o ensino superior

A pesquisa entrou em minha vida ainda no ensino médio. Fiz o curso Técnico em Logística integrado. Nesse período conheci o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), tornei-me parte do grupo e iniciei pesquisas sobre A BELEZA E ESTÉTICA NEGRA, um projeto que realizava campanhas fotográficas das estudantes negras do IFMA. Foram três anos que enriqueceram não apenas o meu currículo acadêmico, mas revelou como a pesquisa transforma vidas.

Com o Neabi, saí do meu Nordeste Maranhão e conheci Bahia, Pernambuco e o Rio de Janeiro, em cada canto que falei do meu projeto observei os costumes e provei de comidas diferentes. As praias de mar azul de Salvador, não são as mesmas que já banhei em São Luís, eram diferentes, não em um sentido de uma melhor que a outra, mais diferente tendo cada, uma suas particularidades e servindo as pessoas de formas distintas.

A última pesquisa que realizei durante o colegial foi sobre Empreendedorismo Feminino em Santa Inês, outra temática que sempre gostei de pesquisar. O caminho que trilhei me motivou a seguir rumo a um ensino superior, tornando-me a primeira filha, neta e bisneta a fazer um curso superior.

Assim como uma pessoa criada em um quadrado a primeira opção de curso era direito, com o objetivo de advogar e defender os muitos casos que via na televisão de jovens pretos sendo presos injustamente, devido ao racismo estrutural no país. Contudo o destino pregou-me uma peça, quando no momento da inscrição do vestibular, senti que a pedagogia tinha me escolhido antes mesmo do meu falar. Durante um período cursei pedagogia na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA de Santa Inês, até que decidi cursar Jornalismo, para comunicar a mais pessoas, o Nordeste.

Em busca de fazer jornalismo, precisei mudar de cidade. Passei para a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em 2020.2, um período pandêmico e conturbado. Ninguém mais podia se aglomerar, as portas da igreja se fecharam e as festas populares deixaram de ser realizadas. “A pausa nas manifestações culturais imposta pela pandemia reafirmou o quanto somos dependentes das artes – e vice-versa – e necessitados de expressar e partilhar as culturas em comunidade” (ALMEIDA, 2023. p.28). Foram períodos difíceis para todos, o fato das pessoas não possuírem a liberdade de se expressar através da roda, dança, do canto e das rezas coletivas fez surgir muitas doenças mentais.

O período de isolamento fez com que todos da minha casa se prendessem ao jornal para compreender o que estava acontecendo no mundo. Na minha família não tivemos perda de familiares pela doença, mas colegas e histórias vagavam no "boca a boca" da cidade, de muitas pessoas morrendo de COVID- 19. Quando as vacinas chegaram, o sol voltou a raiar e a tão movimentada rua do comércio retornava com suas músicas e seu intenso movimento.

Era março de 2022, quando as aulas presenciais voltaram e mudei-me para Imperatriz - MA, portal da Amazônia, que fica localizado na Região Metropolitana do Sudoeste Maranhense. Durante uma viagem de oito horas, conforme o ônibus fazia a rota de uma cidade a outra, conseguia observar como cada lugar tem sua própria cor. E o sentimento de lar e segurança somente a minha Santa Inês me permitiria.

Tal como Gonçalves Dias ao escrever esse poema saudosos ao Brasil, senti que os encantos da Imperatriz não seriam como os da Princesa do Vale. Os pássaros aqui não cantavam e meus vizinhos eram estranhos que eu mal conhecia, e nem teria tempo para conhecê-los. Talvez não fosse certo fazer uma comparação, porém era inevitavelmente os pensamentos. Durante os primeiros meses, no meio do furacão entre a saudade e o medo do novo, o sentimento de solidão embalava o meu ser durante as noites sem as estrelas e as árvores do quintal de casa.

Após quase três anos, nunca me acostumei com a grandiosidade da Cidade Imperiosa. A emoção ainda vibra dentro do meu peito ao lembrar da minha querida cidade. As lutas de morar longe dos familiares, que me embalava, agora apenas realizam visitas rápidas. Dado que o desejo de conhecer outras cidades e cantos da minha região estão maiores. O vasto território do Nordeste continua sendo uma incógnita até mesmo para os nordestinos.

CAPÍTULO 2 – NORDESTE; REGIONALISMO; REPRESENTAÇÃO

Estou aqui neste meio
Muito bem acompanhado
Com a Amazônia me vizinhando
E o Atlântico do outro lado
Resistindo e me aprimorando
Sobre Montanhas, Planícies, Sertão e Cerrado

A Borborema, o São Francisco e o Parnaíba
Que em mim fazem morada
São algumas mostras de vidas
De minha força camarada
Com essas gentes queridas
Que povoam minhas estradas

Abriguei o Lampião
E seu bando de Cangaceiros
Resisti junto a Canudos
De Antônio e seus sertanejos
Que quiseram outro Brasil
Liberto dos Malfazejos

Presenteei o País
Com personalidades influentes
De artistas a escritores
Outros até Presidentes
De bons a malfeitores
Fiz o que pude minha gente

Nessas minhas terras
Tomadas de Sertão e Mar
Nasceu o Gonzaga do Baião

Que fez nossa música reinar
De Paulo Freire seu Chão
Educador a nos orgulhar

Inspiração de Patativa
Nosso poeta popular
De São Francisco do Canidé
Sempre a abençoar
Os desvalidos e de grande fé
Que estão a lhe rogar

Chão de Dandara e Maria Firmina
Ganga Zumba, Negro Cosme e Rei Zumbi
Ancestros da luta quilombagem
Pela abolição a resistir
Marcaram a história com a vida
Incansáveis das liberdades Bem-te-vis

Mas tenho outros filhos ilustres
Resistentes no dia a dia
Que sofrem e são mal tratados
Mas se sustentam na alegria
Na crença em Padin Ciço
E na riqueza da poesia

No balaço que vem da música
E na gargalhada contagiante
Que só demonstra alegria
Desse coração grande e pulsante
Que bate com euforia

De braços abertos ao mundo
E de alegria juvenil
Muito prazer, sou o Nordeste

Ser de qualidades mil
O legítimo Cabra da Peste
O coração alegre deste Brasil

O poema *Cabra Arretado*, do pesquisador nordestino Domingos de Almeida, é o Nordeste falando de si. E quando paramos para ouvi-lo notamos que muitas vezes como exploradores do conhecimento deixamos assuntos históricos passarem despercebidos, porém cada elemento constrói o que hoje chamamos de Nordeste e eles são importantes. Utilizei esse poema, porque compreendo que antes de falar ou explorar a região, é importante deixar que ela fale.

Dois outros grandes escritores serão muito utilizados nesse capítulo devido construírem e desconstruírem a região ao qual estudo. Gilberto Freyre, nascido em Pernambuco com obras emblemáticas, como por exemplo: *Nordeste*, *Casa-Grande e Senzala* e o próprio *Manifesto Regionalista*, teve teorias e escritas reconhecidas sobre a estrutura social e a formação do Brasil colonial. Paralelamente, o livro *a Invenção do Nordeste*, de Durval Muniz de Albuquerque Junior, que contribuiu para desconstruir parcialmente o que o outro autor fala, e como os próprios nordestinos construíram o que todos conhecem como Nordeste.

Muito se discute sobre esse pedaço do solo brasileiro, porém nem sempre existiu o que hoje conhecemos. Segundo Durval Muniz Alburquerque Jr. em sua obra *a Invenção do Nordeste*, a região surgiu das ruínas geográficas do país segmentada entre Norte e Sul. Devido a diferença absurda entre as duas durante o fim do século XIX, estudiosos já discutiam sobre os impactos na política territorial advindos do abismo existente. Por mais que houvesse essa divisão simples, não era fácil compreender as mudanças tanto econômicas como climáticas que refletiam na política, dentro de uma somente região como o Norte/Nordeste do país.

Um espaço representado pelo cangaço, a seca e os povos mestiço, era visto como um local não apropriado para desenvolvimento de uma civilização. Mediante o pensamento do escritor nordestino Gilberto Freyre, “O Norte estaria condenado pelo clima e pela raça à decadência.” (Freyre, 2004, p. 71). Assim como ele, outros estudiosos e a própria elite nordestina declamava esses discursos de condenação contra a própria região, sem ao menos conhecer o ambiente e seus costumes. A presença do clima seco e da ausência de água em algumas partes, tornava toda região um lugar sempre atrelado a coisas antigas.

A elite nordestina reivindicava uma influência da Europa, que conseguiam visualizar na região Sul. Área que ficava localizada a grande São Paulo, espelho europeu no país. De certo que as pessoas que viviam na zona sul em sua maior parte eram brancas e considerados intelectuais. Havia uma ideia social dos burgueses de que a região julgada superior dominaria sob a considerada não evoluída. Dentro desse dilema de uma parte do Brasil civilizada e outra que precisaria ser civilizada, as necessidades nordestinas não iam sendo correspondidas e precisaram voltar para si como forma de defesa do outro (Albuquerque, 2011).

Para Freyre o ápice para a dissolução foi a seca de 1877 que contribuiu para ocorrer um êxodo de inteligência, cidadãos da alta sociedade que mudaram para o Sul do Brasil. A notícia da seca comovia a todos e tornou-se principal assunto nos discursos políticos do Norte. Os enquadro da fome, atrelados a seca e a violência deram início uma caracterização da região Nordeste que surgia já carregada de estereótipos devido ao clima quente e seco em algumas áreas. E o que deveria ser um problema para o Estado solucionar tornou-se uma condenação aos povos nortistas e exemplo do que os sulistas não poderiam se tornar ou ser jamais.

Segundo Durval Albuquerque (2011, p.30) “O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.” Ao marginalizar as singularidades e diversidades dos indivíduos, os estereótipos perduram uma visão distorcida da realidade. Essa generalização não apenas desconsidera a complexidade inerente a cada grupo, mas também corroboram discriminações e preconceitos, dificultando a convivência harmoniosa entre grupos dentro de um somente território nacional.

O geógrafo Milton Santos afirma que “o território é um lugar que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência” (Santos, 2011, p.13). As zonas de habitação de uma população são de extrema importância para a formação e expressão da própria história, o autor pontua isso, quando afirma que a partir das manifestações é que se concretiza a existência.

Pode-se afirmar que compreender o espaço é fundamental para a conhecer a história e a própria identidade da sociedade. As terras nordestinas são compostas por nove unidades federativas Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí,

Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Apesar de parecer um território amplo segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, a região possui 1552175.42 km² de área, tendo uma densidade demográfica de 35.21 hab/km². Ela ocupa o terceiro lugar no ranking de extensão territorial.

É necessário quebrar o arquétipo de que existe apenas uma sub-região. A área possui quatro sub-regiões, o que contribui para uma maior diversidade na paisagem da vegetação e nas principais atividades econômicas. São elas: Meio Norte, Sertão, Agreste e a Zona da Mata. Algumas das vegetações possíveis de encontrar é a mata dos cocais, carnaúbas, babaçus, caatinga, zona de transição e a vegetação da Mata Atlântica, praticamente extinta.

Originalmente predominava as florestas tropicais úmida. A Mata Atlântica do Nordeste é um dos biomas mais diversos da terra, tendo uma ampla diversidade em floras e fauna. Porém, uma extensa parte de sua vegetação foi substituída pela monocultura de cana-de-açúcar desde a época colonial, o que além de modificar a economia e cultura da região trouxe impactos ecológicos. A exploração dessas terras ocorre desde 1530, as terras gordas como Freyre denominou, serviu de palco para europeus escravizar os povos indígenas e africanos.

No Brasil conforme o senso atual existem cerca de 1.7 milhões de indígenas. Juntos o Norte e Nordeste do país agrupam 75,71% dos povos, que residem principalmente na Amazônia Legal. Os estados nordestinos que respectivamente residem são: Bahia, Pernambuco, Maranhão, Ceará, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe. Os primeiros moradores historicamente foram eles filhos da terra e do mato, detentores dos saberes das plantas medicinais.

O Nordeste é o encontro das três raças, a branca, a negra e a indígena, uma estrutura cultural única, marcada pela fusão de diferentes tradições e costumes, como uma mistura cultural. Todo esse processo de miscigenação que não foi nada fluído ou permissível deu origem a estrutura não somente da região nordeste como todo o país. Os exploradores europeus trouxeram suas tradições, religião e os engenho como centros econômicos. Trazidos como escravos, os negros, influenciaram com seus saberes sobre a agricultura, práticas religiosas, dança e culinária. Já os povos indígenas, originários habitantes da região, influenciaram com seus conhecimentos e técnicas.

Para Freyre toda essa miscigenação foi necessária para a formação de uma sociedade complexa e única, capaz de mesclar diferenças e modifica-las para algo

novo e autêntico. No entanto, a canção “Zumbi” de Jorge Bem Jor apresenta a crítica de como realmente as coisas funcionavam no Brasil. “Há um grande leilão. Dizem que nele há uma princesa à venda. Que veio junto com seus súditos” e desafiando a visão romântica da miscigenação, destaca as realidades de abuso, exploração, desigualdade e resistência.

As ligações dos povos com os rios no Nordeste brasileiro são profundas e múltipla, refletindo a vital importância. Desde os tempos pré-coloniais os povos originários haviam uma conexão íntima com os rios, que eram fundamentais para sua subsistência e tarefas como o banho, transporte e até servia como fonte de água potável. Com a ancorada dos portugueses, a relação foi aberta, pois enquanto os indígenas valorizavam os rios e sua magnitude natural, os europeus viram potencial no uso dos rios para o comércio e agricultura, assim desenvolveram engenhos de açúcar ao longo dos fluxos d’água.

Sucedeu-se a trazida dos escravos africanos que logo aplicaram seus conhecimentos e técnicas de cultivo e manejo de água, auxiliando na fomentação ainda mais de práticas agrícolas e a exploração dos recursos hídricos na região. As águas dos rios também se tornaram um elemento central nas práticas religiosas e culturais africanas, influenciando as tradições locais e a formação de novas doutrinas.

Ademais, tem desempenhado um papel crucial na vida das comunidades ribeirinhas, que dependem diretamente desses recursos para sua sobrevivência. Esses povos possuem modos de vida profundamente interligados com os ciclos e as características dos rios, utilizando – os para praticamente todas as atividades do dia a dia relacionados aos sistemas básicos da vida.

Portanto, a relação entre os povos e os rios no Nordeste é um exemplo nítido de como os recursos naturais influenciam e são influenciados pelos hábitos culturais dos homens. As águas vão além de sustentar a vida e a economia local, mas também desempenham um papel central na identidade histórica da região. Por isso, ao falar dessa região é necessário detalhar o papel dos rios nordestinos, batizados por indígenas, africanos, europeus, vaqueiros e sertanejos que outrora contribuíram para a formação do Nordeste.

2.1 O Nordeste dos rios

Os rios contribuem para os desenvolvimentos econômicos das regiões por onde passam e desempenham um papel fundamental no crescimento sustentável. A água

potável é essencial na irrigação, cultivo e para manutenção de habitats das diversas espécies seja aquática ou terrestre. Bem como ajudam a regular a temperatura local, auxiliando na manutenção dos ecossistemas naturais. “No Nordeste da cana-de-açúcar, a água foi e é quase tudo” (Freyre, 2004, p.58). Todos os seres vivos dependem essencialmente deste elemento para sobreviver, por isso a necessidade de cuidar. Os povos ribeirinhos, por exemplo, atuam na linha de frente assim como os povos indígenas, protegendo a qualidade da água e prevenindo a erosão do solo.

Partindo da perspectiva da economia, para muitas comunidades os rios são vitais, dando oportunidades para as práticas das atividades de pesca, transporte e turismo. Foram muitas as cidades e vilarejos que se fundaram as margens dos rios, entre o triângulo rural – engenho, casa e capela. Era bastante comum observar a relação de sustento entre si. Outrora os antigos engenhos do Nordeste sobreviviam dos rios; dos peixes, caranguejos e siris retirados pelos moleques a mando das donas de casa (Freyre, 2004). Com as mudanças, ao longo do tempo, a água reinventou o seu papel, mantendo-se ainda como elemento fundamental para a base da vida e da sobrevivência.

Atualmente a energia hidrelétrica, delineada pelas barragens é uma importante fonte de energia renovável em muitos lugares do país, ajudando na redução do consumo de combustíveis fósseis. Mas, necessitam das águas para gerar energia, “a água dos rios e dos riachos da região se subordinou ao novo sistema de relações entre o homem e a paisagem, embora conservando-se cheia de curvas e até de vontade” (Freyre, 2004, p.59). São os maiores geradores de energia, possui um preço menor e possui um total de 187 por todo o Brasil. A primeira usina construída pelo governo brasileiro foi a hidrelétrica de Paulo Afonso no Nordeste.

Devido as características climáticas fortes do semiárido, onde a falta de água é um desafio os rios nordestinos desempenham um trabalho excepcional. Entre os principais rios destacam-se o rio São Francisco, Jaguaribe, Parnaíba, Piranhas – Açu, Gurupi e Mearim. Para a SOS Mata Atlântica o que falta é uma gestão de cuidado com os 12% de água disponível, visto que, 5 milhões de brasileiros não tem acesso à água limpa. Cada curso d’água é vital para as atividades agrícolas, industriais e domésticas.

O rio São Francisco ou Velho Chico possui 2.800 km de extensão em comprimento é conhecido por proporcionar água para irrigação de energia e abastecimento urbano. Ele atravessa os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, sendo uma importante fonte de água para a irrigação

de culturas agrícolas em áreas áridas e semiáridas. O Jaguaribe, mantém a agricultura irrigada e a pesca artesanal em suas margens devido o regime hídrico fortemente influenciado pelo período de chuvas sazonais. Outro de destaque é o Parnaíba que possui cerca de 1.400 km de extensão, e exerce o papel de abastecer a agricultura da área que divide os estados do Piauí e Maranhão. Ele possui um potencial significativo para a geração de energia hidrelétrica, contribuindo para o desenvolvimento econômico local e para a irrigação de plantações de arroz, cana-de-açúcar e frutas.

De igual modo, o Rio Piranha-Açu, fundamental para a agricultura e abastecimento de água para as populações das localidades entre Paraíba e Rio Grande do Norte. É bastante comum criatórios de peixes derivados dele. Existe alguns desafios impostos a enfrentar pelas mudanças climáticas e a variação do fluxo em decorrer do ano.

Para Freyre “a água foi elemento nobre na velha paisagem do engenho do Nordeste” (Freyre, 2004, p.63). E ousou afirmar que ainda nos dias atuais a nobreza de muitos locais, estão atreladas aos rios, mares e praias, tornando-se pontos centrais na cultura e na identidade das comunidades ribeirinhas. Muitos desses dependem do rio Mearim a maior bacia hidrográfica do Maranhão, que possui uma área de 99.058, 68 km² e beneficia 83 municípios. Ele origina-se na serra da Menina, entre Fortaleza dos Nogueiras, São Pedro dos Crentes e Serra Negra e deságua entre a capital São Luís e o município de Alcântara, na baía de São Marcos.

Os ribeirinhos possuem uma relação intrínseca com o ambiente fluvial, vivem ao longo das margens e dependem diretamente de seus recursos naturais para subsistência, praticando atividades como a pesca artesanal, agricultura vazante e o extrativismo vegetal. São muitos os conhecimentos ecológicos que marcam profundamente esses povos e seus descendentes, pois reflete-se as práticas sustentáveis de uso e manejo dos recursos de geração em geração. Contudo, ainda enfrentam desafios significativos e sua preservação é fundamental não somente para a manutenção da biodiversidade da região, como também para o reconhecimento dos saberes tradicionais.

Em suma, é impossível falar do Nordeste sem o devido reconhecimento das águas que correm e conectam as terras e os povos nordestinos. Cada fluxo d'água, desde grandes rios ou até pequenos lagos ou riachos, é essencial para a configuração

geográfica e social da região. Afinal o Nordeste é o conjunto de muitos elementos e acontecimentos que formam a paisagem e identificam como tal.

2.2 Nordeste de paisagens e história

A história do Nordeste está atrelada a ciclos e acontecimentos que moldaram a paisagem, influenciando muito além das divisas da região. A compreensão da interconexão entre paisagem e história da região nordestina é fundamental para construção da identidade e outros aspectos quando se estuda sobre a comunidade nordestina. O conceito de paisagem para melhor interpretação deste capítulo é tudo aquilo que os nossos sentidos são capazes de perceber e reconhecer em um determinado local.

Dentro da perspectiva do conceito as principais paisagens encontradas são: Litoral, Sertão, Chapadas e Mata Atlântica. O litoral é uma das riquezas de turismo para a região, as praias, dunas e recifes de corais atraem milhares de pessoas durante o período de férias. Segundo a Associação Brasileira das Operadoras de Turismo (BRAZTOA), o Nordeste é a região favorita para descanso e curtição, estando Porto de Galinhas (PE) e Maceió (AL) no topo do destino. ¹O mar e os rios é presente em todos os âmbitos na vida dos que sentem uma conexão, grupos litorâneos desenvolvem suas tradições e festividades nas águas. Para além da subsistência econômica da vida ribeirinha, o litoral é ponto de religiosidade para algumas crenças, exemplo a Festa de Iemanjá, que celebra a rainha do mar com ritos na beira da praia. Ademais, a culinária, a música e a dança também são profundamente influenciadas pela vivacidade e o ritmo das ondas litorâneas.

“Sertão, argüem te cantô/ Eu sempre tenho cantado/ E ainda cantando tô/
Pruquê, meu torrão amado/ Munto te prezo, te quero/ E vejo qui os teus mistéro/
Ninguém sabe decifrá. / A tua beleza é tanta/ Qui o poeta canta, canta/ E inda fica o
qui cantá.” (Cante lá que eu canto Cá, Patativa do Assaré). São muitas as belezas do Nordeste, que mesmo todas as obras ainda não conseguem retratar. A exemplo, o contraste no sertão nordestino, onde há paisagem marcada pela presença do clima semiárido e da caatinga. Os desafios impulsionaram os sertanejos assim como

¹ BRASIL. Nordeste é o queridinho dos turistas para curtir as férias de julho. **Brasília: Portal do Gov.br**, 09 jul 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/nordeste-e-o-queridinho-dos-turistas-para-curtir-as-ferias-de-julho>. Acesso em: 08 dez 2024

Patativa e Euclides se expressarem através da arte que celebra, resiste e vibra o sol do sertão e a força do solo.

A Mata Atlântica e as chapadas mostram a beleza natural dos relevos do Nordeste. O panorama das chapadas, com suas formas rochosas e vegetação abastado, revelam um forte contraste com as outras regiões, abrangendo ainda mais a diversidade paisagística. Para além de simples elementos geográficos, as paisagens nordestinas são componentes fundamentais da identidade cultural e regional. A cultura local é movida pela relação constante com a natureza, resultando em um modo de vida que preza pela sustentabilidade e o equilíbrio com o ecossistema. Festas e celebrações tradicionais seja de cunho religioso ou não, reforçam a conexão espiritual e cultural com a ambientação natural.

“A ação do homem no decorrer dos tempos contribuiu e vem contribuindo para a formação das paisagens nordestina” (Coutinho, p.7). Com disseminação de muitas comunidades indígenas, principalmente do litoral nordestino, os colonizadores iniciaram uma intensiva exploração das riquezas naturais, criando uma rachadura na relação entre o homem e a natureza. Durante o período colonial, o cultivo da cana-de-açúcar, impactou a paisagem do nordeste brasileiro, transformando significativamente o litoral, principalmente os estados de Pernambuco e Bahia. O ecossistema foi alterado radicalmente, devido desmatamento na Mata Atlântica, a mudança da economia para a monocultura permitiu que fossem construídos engenhos e estruturas que modificavam o natural da paisagem nordestina.

Partindo de uma visão eurocêntrica ou etnocêntrica, o homem branco criou marcas profundas na relação com outros seres humanos ao promover a ideia de “raça superior”. Essa ideia foi usada como justificativa para escravizar e explorar os povos indígenas e povos africanos muitos retirados a força das suas terras para trabalhar para o europeu. As consequências desse pensamento perpetuam até os dias atuais, com violência, opressão e desumanização.

Os engenhos construídos para organizar a produção e exportação do açúcar, eram centros econômicos e sociais. Visando auxiliar a economia açucareira e a administração colonial, os portugueses levantaram vilarejos e cidades por toda a costa. A primeira capital do Brasil foi fundada em 1549, Salvador, centro administrativo e comercial. Logo, outras cidades importantes da região começaram a ser desenvolvidas beneficiadas pela proximidade com a produção dos engenhos de

açúcar. “Foi a monocultura da cana que criou condições de vida, de habitação e de alimentação particularmente favoráveis” (Freyre, 2004, p.122).

Geralmente os centros das cidades abrigava edifícios administrativos, igrejas e mercados, enquanto nas áreas periféricas residiam os trabalhadores e escravos. Algumas famílias que formavam a elite brasileira, possuíam a influência e o poder na região devido as terras. A Nova Lusitânia como era conhecido a região Nordeste, formou-se assim de maneira aristocrática (Freyre, 2004). Em suma a história dessa região é composta por muitos elementos e fases que construíram o que hoje conhecemos como Nordeste. A elite inventou a região, mas foram os atos que fortaleceram a cultura e a identidade dos povos nordestinos.

2.3. Regionalismo x Representação

O regionalismo é um conceito que se refere ao foco em características específicas de uma determinada região. No Brasil, o regionalismo tem um significado importante, diante da diversidade do país, cada região brasileira possui suas tradições, modos de vida e identidade própria. Com o povo nordestino o regionalismo é evidenciado através de sua rica cultura popular, culinária, festas tradicionais, músicas e danças típicas que auxiliam na elaboração para o sentimento de pertencimento.

Uma palavra com doze letras e que deriva de região, pode parecer ser simples, contudo, seus estudos são muito mais complexos do que se imagina. Afinal toda obra de arte é uma expressão? Toda expressão é regionalista? Segundo Coutinho toda obra de arte com viés identitário é a pratica do regionalismo. O autor continua definindo e afirma que “o regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião.” (Coutinho, 1964, p. 205 apud Sousa, 2021, p.10). Quando se fala em retalhos é complicado utilizar a palavra unidade em seguida, contudo quando nota-se o resultado ou os impactos pode-se falar em regionalismo como artes isoladas, mas que possuem um ponto de encontro e de conexão.

Desde o início da formação da nacionalidade brasileira, o regionalismo é considerado um elemento essencial. Nesse contexto, as distâncias geográficas fazem com que as regiões formem suas próprias identidades e comecem a competir uma com a outra. Assim, o próprio conceito de regionalismo está ligado diretamente com

a construção da identidade nacional, destacando-se como uma força que modela e influencia uma abordagem inovadora e transformadora, pois não se limita a uma mera justificativa ideológica de um lugar social ameaçado, mas representa uma nova forma de perceber, compreender e expressar a realidade.

O termo representação é complicado e ambíguo. Deriva-se etimologicamente da palavra latina 'representare' que denota trazer simbologia. Conforme a pesquisadora Sandra Makowieck (2003), representação é um processo que cria um representante, que algum momento ocupa o lugar de quem representa. Na religião, política ou cultura dos territórios os símbolos estão presentes, evidenciando a identidade, e os estudos sobre, auxiliando na compreensão dos significados e as linhas do que se retratado.

A canção escrita por Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga em 1947, Asa Branca, traz a narrativa da história do Nordeste a partir de uma esperança, de mesmo longe um dia retorna. Uma música que excede as rimas e o próprio sertão para torna-se representação. Assim como a ave o nordestino muitas vezes precisou voar para longe, e dentro dessa arte de cantar do lugar de pernambucano arretado, Luiz Gonzaga tornou-se rei do baião.

Quando oiei' a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei' a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação?

Eu perguntei' a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação?
Que braseiro, que fornaia'
Nenhum pé de prantação'
d Morreu de sede meu alazão

Por farta' d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Inté' mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Entonce' eu disse: adeus, Rosinha

Guarda contigo meu coração
 Entonce' eu disse: adeus, Rosinha
 Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua
 Numa triste solidão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar' pro meu sertão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar' pro meu sertão

Quando o verde dos teus óio'
 Se espaiar' na prantação'
 Eu te asseguro, não chore, não, viu
 Que eu voltarei', viu, meu coração
 Eu te asseguro, não chore, não, viu
 Que eu voltarei', viu, meu coração

O Brasil estava passando por um processo de destaque a música regional, e vale ressaltar que não era apenas o “povo” que estava se sensibilizando com a arte que remetesse a identidade nacional, mas a elite e a classe média interessavam-se por produções nacional. (Albuquerque, 2011). A seca talvez tenha sido a maior inspiração de muitos artistas da região. Luiz Gonzaga, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos e Patativa contaram do sertão e da vida do sertanejo. Por isso, essa canção é exemplo de regionalismo na música.

Logo no início dos trechos é ressaltado o clima e a falta de chuva características, que tornou a vida complicada, com suas perdas do gado. Mas no trecho: Hoje longe, muitas légua/ Numa triste solidão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim voltar' pro meu sertão/ Espero a chuva cair de novo/ Pra mim voltar' pro meu sertão. É notável o sentimento de saudade e esperança de voltar para a sua terra, na qual estão as suas raízes. Ademais também revela a esperança na chuva.

Outrossim, aspecto do regionalismo é o sertão, seu retrato é constantemente realizado como símbolo de identidade do Nordeste, pelos nordestinos. Essa parte regional tão específica possui características culturais, sociais e econômicas próprias.

Formada pelas ricas tradições, incluindo festas religiosas, literatura de cordel, música como forró e baião, e até por sua culinária típica. Conforme o sociólogo jamaicano-britânico Stuart Hall em seus estudos sobre cultura e identidade define, o primeiro como: [...] os sentidos e valores que nascem entre as classes e grupos sociais diferentes, com base em suas relações e condições históricas, pelas quais eles lidam com suas condições de existência e respondem a estas; e também como as tradições e práticas vividas através das quais esses entendimentos são expressos e nos quais estão incorporados. (HALL, 2003, p. 142).

A cultura é um conceito multifacetado que abrange uma gama de produções tanto individuais quanto coletivas, e sua definição vai além das manifestações externas para incluir os dilemas dos significados que estas geram. Ela não se limita a um conjunto de práticas e objetos tangíveis, mas se amplia às produções simbólicas que refletem as experiências e valores dos indivíduos e grupos sociais. Os produtos culturais individuais, como a criação artística, a expressão pessoal e as inovações contribuem para a diversidade cultural, oferecendo perspectivas únicas e subjetivas.

Um campo onde a interação entre o indivíduo e o coletivo gera uma gama de acepções, assim podemos definir a cultura. O filósofo Zygmunt Bauman reflete que o termo cultura surgiu durante o período do Iluminismo, coeso aos pensamentos de melhoria nas relações sociais e sofisticação.² Durante esse certo período da história esse vocábulo era um forte separatista do que era “bom” ou “ruim”, “educado” e “mal-educado”. Haviam ainda certos povos que devido não terem desenvolvido a escrita eram rotulados de “primitivos”, uma classificação que refletia uma visão eurocêntrica e hierárquica da cultura e do progresso. Para além de definir padrões do que era sofisticado, o que se entendia por cultura construía barreiras e estigmatizações entre diferentes sociedades.

No século XX, a visão de hierarquia cultural começou a ser questionada e desconstruída, com a urgência de novas teorias e movimentos. O Movimento Regionalista e Tradicionalista de 1924, sob os pensamentos de Gilberto Freyre engatinhava rumo ao que parecia resgatar e preservar as tradições nordestina. Em confronto com os modernistas, Freyre apontava que esses não olhavam para os estudos históricos, sociológicos e antropológico do Brasil. (Albuquerque, 2011). Porquanto, não se pode deixar de frisar que na realidade essa exaltação a natureza e

² BAUMAN, Zygmunt. A cultura no mundo líquido moderno. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

a vida colonial, resguarda a sua vivência na casa grande com privilégios e o seu desejo de retornar o sistema estrutural, social do Nordeste da cana.

Para mais o próprio Manifesto Regionalista foi um desdobramento das suas ideias. Nele defende a valorização das especificidades regionais do Brasil. “A maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso seria confundí-lo com separatismo ou com bairrismo. Com anti-internacionalismo, anti-universalismo ou anti-nacionalismo.” (Freyre, 1996, p.48). A ideia de valorizar mais as produções locais permitia olhar, mais para si e suas expressões. Não seguir apenas um modelo único de desenvolvimento e identidade.

Esse processo marcante para história da arte e social brasileira criou-se uma rachadura ainda maior entre São Paulo e o Nordeste, o primeiro era atrelado a cultura, urbanização industrial e oportunidades enquanto o outro a uma vida rural, seca e o sertanejo. Discurso esse que despertou a necessidades de mudanças, o que acabou por acontecer. Muitos nordestinos nesse período fugindo desse cenário, foram em busca de uma “vida melhor” no sul do Brasil. Mas, o desejo de voltar para o sertão continuava sendo clamado nas músicas, poesia, pintura e teatro. Freyre em sua obra acreditava que toda a saudosidade, significava que as coisas eram boas para se viver e por isso não era necessário mudanças.

Na volta da asa branca, de Gonzaga, o cantor narra novamente não somente a sua alegria em retornar ao Nordeste, mais a de muitos outros nordestinos. Essa música poética também destaca o homem e a mulher nordestina, Sertão das muié' séria, dos home' trabalhador.

Já faz três noites que pro norte relampeia
 E a asa branca ouvindo o ronco do trovão
 Já bateu asas e voltou pro meu sertão
 Ai, ai, eu vou-me embora, vou cuidar da prantação'
 Já bateu asas e voltou pro meu sertão
 Ai, ai, eu vou-me embora, vou cuidar da prantação'

A seca fez eu desertar da minha terra
 Mas felizmente Deus agora se alembrou
 De mandar chuva pra esse sertão sofredor
 Sertão das muié' séria, dos home' trabalhador

De mandar chuva pra esse sertão sofredor
Sertão das muié' séria, dos homens trabalhador

Rios correndo, as cachoeira tão zoando
Terra molhada, mato verde, que riqueza
E a asa branca, tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre, mais alegre a natureza
E a asa branca, tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre, mais alegre a natureza

Sentindo a chuva, eu me arrescordo' de Rosinha
A linda frô' do meu sertão pernambucano
E se a safra não atrapaiá' meus pranos'
Quê que há, aí ô Seu Vigário, vou casar no fim do ano
E se a safra não atrapaiá' meus pranos'
Quê que há, aí ô Seu Vigário, vou casar no fim do ano
Eu caso, Seu Luiz
Mas nunca esqueço do senhor
Eita!

Constantemente o tema saudade pode ser observado nas músicas de Gonzaga. Suas letras criadas principalmente para os migrantes e suas memórias. Durante a década de quarenta a vida nas capitais Rio e São Paulo eram desenhadas como melhores através dos meios de comunicação: jornais, correios e rádio. Muitos nordestinos fugindo da seca, foram residir no Sul e por esse motivo as produções de camada popular foram conquistando espaços. E assim como o Nordeste inventado, Luiz Gonzaga assume o que seria a identidade nordestina, roupa de vaqueiro, chapéu de cangaceiro e o forte sotaque.

As manifestações culturais produzidas por nordestino, durante os anos de 1946 e 1954, atingiram um ápice nos veículos de comunicação. Não apenas como forma de uma liberdade de expressão cultural, bem como objeto. “O sucesso de Luiz Gonzaga foi fruto, por um lado de um código de gosto que valorizava as músicas dançantes, as de natureza lúdica e por outro, atendia ao consumo crescente de signos nordestinos e regionais como signos da nacionalidade.” (Albuquerque, 2011, p.178).

Em síntese o regionalismo e as representações foram base para a criação do Nordeste, as manifestações culturais evidenciaram a identidade do povo nordestino. Contudo, quando foi levado para os palcos do Sul, o que apenas eram elementos naturais, tornou-se figuras objetificadas, sem uma separação interna do regional.

As peças teatrais, músicas, obras literárias, os programas de rádio e televisão passaram a construir uma imagem do Nordeste que muitas vezes simplificava ou estereotipava a rica diversidade cultural da região. Esse processo de objetificação transformou aspectos autênticos da vida nordestina em símbolos fixos e, por vezes, distorcidos, destinados a um público que muitas vezes não tinha contato direto com a realidade representada.

Ao transformar elementos culturais em produtos de consumo, essas representações midiáticas e artísticas contribuíram para uma percepção monolítica do Nordeste, apagando as nuances e complexidades das vivências locais. Portanto, o regionalismo, que poderia ser uma força de expressão autêntica e variada, acabou sendo moldado por interesses externos e pela lógica do mercado.

CAPÍTULO 3 – JORNAL NACIONAL: TELEJORNAL DE HORÁRIO “NOBRE” E SUA LINGUAGEM



1 Foto do arquivo da rede Globo: Cid Moreira e Hilton Gomes

O Jornal Nacional (JN) é uma das principais referências no telejornalismo brasileiro. Com edições diárias de aproximadamente 60 minutos, transmitidas às 20h, de segunda-feira a sábado, foi o primeiro telejornal brasileiro com alcance nacional, marcando presença constante nas noites de milhões de brasileiros. Desde sua estreia, em 1º de setembro de 1969, o programa se consolidou como um dos mais influentes

do país, frequentemente alcançando altos índices de audiência. Por esse motivo escolhi como produto da minha pesquisa, visto que ele faz parte das noites de muitas mulheres e homens brasileiros e parte de uma ideia que informa todo o solo nacional sobre toda a nação brasileira. O que pode ser bastante questionável por inúmeras razões.

De acordo com dados do Kantar Ibope Media, o Jornal Nacional mantém a liderança em audiência domiciliar quando comparado aos principais telejornais das emissoras concorrentes. Esse domínio reflete não apenas a qualidade do conteúdo apresentado, mas também o vínculo emocional e de confiança que o programa construiu ao longo dos anos com o público.

A primeira edição do Jornal Nacional, transmitida diretamente do Rio de Janeiro, foi apresentada por Cid Moreira e Hilton Gomes. A escolha de dois homens como âncoras, vestidos formalmente de terno, evidenciava o estilo sóbrio e sério que a emissora desejava imprimir ao seu telejornal. A dicção impecável dos apresentadores, aliada ao tom formal e à imagem institucional, ajudou a estabelecer um padrão de credibilidade que seria mantido por décadas.

A icônica frase de abertura — “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil” — não apenas marcou o início de um novo capítulo no telejornalismo da Rede Globo, mas também na história da comunicação do país. O JN não era apenas um telejornal; foi construído para ser uma ferramenta de unificação do país a partir de ideologia, levando informações simultaneamente a todas as regiões, numa época em que a comunicação nacional ainda estava em desenvolvimento.

Ao longo dos anos, o Jornal Nacional passou por várias transformações. Atualmente sob o comando de William Bonner e Renata Vasconcellos, o telejornal demonstra um dinamismo de gênero na escolha de âncoras, algo que não era comum nas edições iniciais. A alternância entre homens e mulheres, ou mesmo a presença simultânea de duas mulheres na bancada, reflete uma modernização e uma adaptação às novas demandas sociais por diversidade e representatividade.

No entanto, mesmo com essas mudanças, a formalidade na vestimenta dos apresentadores continua a ser um elemento constante, possivelmente associado à manutenção de uma imagem de credibilidade e excelência.



2 Foto do arquivo Globo – William Bonner e Renata Vasconcelos

Outro aspecto importante na análise do Jornal Nacional é o cenário do programa. A emissora investiu em um ambiente inovador e tecnológico, que inclui a exibição da equipe ao fundo, trabalhando para que o processo de informar ocorra de forma eficiente, até mesmo em tempo real, se necessário. Esse cenário não é apenas esteticamente agradável, mas também serve para reforçar a transparência e a confiabilidade do telejornal, mostrando ao telespectador que a informação é fruto de um trabalho contínuo e colaborativo.

Embora para alguns observadores esses elementos possam parecer detalhes superficiais, sua importância não deve ser subestimada. A estética e a composição visual do Jornal Nacional desempenham um papel crucial na percepção do público e no discurso. A escolha cuidadosa do cenário, das vestimentas dos apresentadores e da forma como a informação é apresentada contribui para criar um ambiente de confiança. Essa confiança, por sua vez, é essencial para que o telejornal continue a ser uma referência na forma como os fatos são interpretados e entendidos pelos telespectadores.

A influência do Jornal Nacional na propagação de narrativas sobre o Nordeste é significativa, dado o papel central que esse telejornal desempenha na mediação de informações para uma gama vasta de audiência em todo o Brasil. Desde sua estreia, o Jornal Nacional se consolidou como uma das principais fontes de notícias no país, moldando percepções públicas e participando ativamente da construção do imaginário nacional sobre diversas regiões, incluindo o Nordeste.

O JN ao longo dos anos tem contribuído para a criação e reforço de certas narrativas sobre o Nordeste, muitas vezes pautadas em estereótipos e

representações simplistas. A pesquisa parte da ideia que o telejornal frequentemente enfatiza aspectos como a pobreza, a seca e os problemas socioeconômicos da região, o que pode levar à construção de uma imagem estigmatizada do Nordeste, associando-o predominantemente a dificuldades e carências. E que embora esses problemas sejam reais e importantes de serem abordados, a forma como são representados pode reduzir a complexidade da região a uma visão limitada e negativa. E partindo desses aspectos que os temas foram criados para a coleta.

Além disso, como o Jornal Nacional tem o poder de selecionar quais aspectos do Nordeste merecem ser notícia, e que isso influencia diretamente no que a audiência entende sobre a região. Ao privilegiar determinadas pautas em detrimento de outras, o telejornal não apenas informa, mas também molda a agenda pública e, conseqüentemente, a maneira como os brasileiros de outras regiões percebem o Nordeste. Essa construção do imaginário nacional é reforçada pelo alcance e pela credibilidade do telejornal, que muitas vezes é visto como uma fonte confiável de informação.

Por outro lado, é importante reconhecer que o Jornal Nacional também tem a capacidade de promover narrativas positivas e complexas sobre o Nordeste. Exemplo, quando cobre aspectos culturais, avanços econômicos ou realizações da população local. Contudo, a frequência e o destaque dados a essas narrativas positivas devem ser observadas, o que limita sua capacidade de contrabalancear os estereótipos predominantes.

Em suma, ele exerce uma influência poderosa na construção do imaginário nacional sobre o Nordeste, tanto pela seleção das pautas quanto pela maneira como essas pautas são apresentadas. A repetição de determinadas narrativas pode reforçar estereótipos e simplificar a percepção da região, enquanto a diversificação das abordagens pode contribuir para uma representação mais justa e equilibrada do Nordeste na mídia nacional. Por essas afirmativas que a pesquisa se justificasse, sendo necessário utilizar análise do discurso, do que é dito e não dito.

3.1 Um olhar sobre a metodologia e os temas

A Análise de Discurso Francesa (ADF) utilizada no desenvolvimento dessa pesquisa é uma abordagem teórica desenvolvida por estudiosos e analistas do discurso que se concentra na forma como os discursos são construídos, veiculados e interpretados em contextos sociais específicos. A ADF não apenas examina o

conteúdo dos discursos, mas também investiga os processos e estruturas que influenciam sua produção e recepção.

De acordo com a pesquisadora Vânia Maria Lescano Guerra (2009): “O sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno ou do cogito como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, não se constituindo na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia, uma vez que estes são determinados pela formação discursiva na qual o sujeito falante está inscrito” (Guerra, 2009, p. 7).

O sujeito não pode ser compreendido como uma entidade autônoma, consciente e centralizada, como é proposto por algumas teorias clássicas da enunciação. Pelo contrário, ele é atravessado por múltiplas influências, tanto externas quanto internas, como a ideologia e o inconsciente. Essas influências moldam suas percepções, atitudes e discursos, fazendo com que o sujeito não seja uma unidade homogênea e racional. Ele pode ser visto como uma construção que está em constante processo de mudança, influenciado pelas forças que o atravessam. Dessa maneira, é importante realizar estudos que busquem identificar quais são os elementos ou “fatos” que atravessam o ser humano, enquanto ser de sociedade, pois são essas influências que ditam os pensamentos e atitudes.

Ao destacar as influências fundamentais da metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa — Pêcheux, Foucault e Bakhtin —, é notório que eles contribuíram para a constituição da Análise do Discurso (AD) como campo de estudo. Focalizando, obstinadamente, as relações entre o linguístico e o histórico, entre o discurso e o interdiscurso, as ideias de Pêcheux e Foucault erigiram a Análise do Discurso como um campo em que o sujeito e a produção do sentido (grifos da autora) ocupam lugar central.

Com Pêcheux, a problematização dos alicerces da linguística saussureana³ reinseriu o discurso, o sentido e a história nos estudos da linguagem e trouxe, conseqüentemente, a discussão sobre o sujeito para o centro dos debates. Com Foucault, a problematização da história, desvelando suas continuidades e sua dispersão, trouxe, na deriva, o descentramento do sujeito e do sentido nas práticas discursivas que constituem os saberes em sua relação com os micro-poderes. Já o

³ O termo "saussureana" refere-se às ideias e aos princípios formulados pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure, significa que a linguagem deve ser estudada como um sistema de signos, composto por dois elementos inseparáveis: significante (a forma sonora ou gráfica) e significado (o conceito ou ideia).

aporte da leitura de Bakhtin que, a partir dos anos 80, trouxe as ideias de heterogeneidade e alteridade, permitiu que a AD se abrisse para uma série de problemáticas que envolvem o sentido e o sujeito (GREGOLIN et al., 2001, p. 30).

Ela oferece uma lente crítica para entender como os discursos são estruturados e como eles funcionam na sociedade. Ao explorar conceitos como formação discursiva, interdiscurso, condições de produção e sujeitos do discurso, ela proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas que influenciam a produção e a interpretação dos discursos, permitindo uma análise mais rica das representações e das práticas discursivas em diversos contextos.

O recorte temporal do estudo foi de janeiro a junho de 2022 devido às seguintes razões: durante os seis primeiros meses do ano, ocorrem as principais festas culturais, o carnaval e a festa junina. Ambas fazem uma intensa movimentação em todo o solo brasileiro, mas é na terra do baião que as luzes se acendem e todos os olhos se voltam para o Nordeste. Esse estudo partiu da hipótese de que, durante esse tempo, as pautas do Jornal Nacional sobre o Nordeste abordariam a cultura carregada de caricaturas representativas. Já o ano foi escolhido devido à proximidade com a busca e escrita dessa pesquisa.

De certo, como se trata de uma Análise de Discurso e não de Conteúdo, não será mencionado o termo categorias, uma vez que utilizei para a coleta temas de partida. Ou seja, ao assistir às edições do JN parti da ideia de que encontraria notícias sobre os determinados temas: Educação, Saúde, Segurança, Lazer, Política, Economia, Cultura e Meio Ambiente. A escolha de notícias diversificadas em termos de conteúdo e enfoque visa fornecer uma visão ampla da cobertura jornalística, permitindo uma análise rica e detalhada dos modos de representação da região.

No geral, foram encontradas trinta e seis (36) notícias sobre o Nordeste. Foi notado que, em uma semana de telejornal — no qual há em torno de 300 horas semanais — o Nordeste é mencionado em uma média de 4 a 6 vezes, sendo esporádico o caso de janeiro, que atingiu 15 recortes.

O mês com mais notícias registradas sobre o Nordeste foi janeiro, primeiro mês do ano. A técnica utilizada para a coleta, como já mencionada, é conhecida como semana construída, sendo uma estratégia amplamente utilizada na coleta de dados, especialmente em pesquisas que envolvem a análise de produções midiáticas, como programas de TV, jornais ou revistas. Essa perspectiva é buscada particularmente quando se busca obter um modelo representativo do conteúdo ao longo do tempo,

sem a necessidade de analisar todo o material disponível, visto que há um grande volume de dados.

Quando aplicada à Análise de Discurso Francesa, por exemplo, a técnica da semana construída é valiosa e eficaz, pois permite a aplicação de métodos analíticos em uma amostra reduzida que representa bem o conteúdo total, facilitando também a identificação de padrões discursivos, variações sazonais e outras nuances na cobertura midiática.

A coleta somente foi viável devido a uma assinatura paga no Globoplay, streaming que disponibiliza todas as edições do Jornal Nacional do ano de 2022. A partir daí, foi observado o que era notícia sobre o Nordeste no Jornal Nacional, descrito como os fatos sobre a região eram narrados/noticiados, observando a construção do discurso e analisando se havia um estado dentro da região que recebia mais destaque.

3.2 Análise de Janeiro de 2022

Inicialmente, apenas no primeiro mês analisado, janeiro de 2022, foram encontradas 15 notícias sobre o Nordeste no Jornal Nacional. Ao considerar o cenário do que estava acontecendo, não era de se admirar tanto assim que o principal assunto fosse as chuvas, visto que durante esse tempo o Nordeste estava no período climático de fortes chuvas.

A temperatura é uma característica pertinente da região, e suas irregularidades não ocorrem sem motivos. A música de Sá e Guarabyra, interpretada por Chico César, “Sobradinho” é um aviso sobre as atitudes do homem e as consequências:

O homem chega e já desfaz a natureza
Tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar
O São Francisco, lá pra cima da Bahia
Diz que dia, menos dia, vai subir bem devagar
E passo a passo vai cumprindo a profecia
Do beato que dizia que o sertão ia alagar

Escrita no ano de 1977, a canção já revelava uma preocupação com o crescimento das interferências do homem na ciclicidade da natureza, prevendo que o sertão iria alagar. No início do ano de 2022, o principal tema encontrado foi justamente

o meio ambiente, no qual houve casos de enchentes e destruições devido ao clima. Os ocorridos no Sul da Bahia estiveram presentes na agenda do JN durante toda a semana analisada, em formatos de nota coberta e reportagens com a passagem do repórter no local dos destroços.

Entre as notícias sobre o meio ambiente, ou melhor, sobre as consequências da forte chuva no Nordeste, houve ainda dois registros fora da Bahia. Foram eles: a cheia do Rio Tocantins, que atingiu ribeirinhos da cidade de Imperatriz – MA, e a cheia do Rio Itapecuru. Durante esse mês estudado, as matérias sobre o meio ambiente estavam sempre relacionadas a esse fato, contudo, eram mais voltadas para a zona sul baiana, que corresponde aos municípios de Aiquara, Almadina, Apuarema, Arataca, Aurelino Leal, Barra do Rocha, Barro Preto, Boa Nova, Brejões, Buerarema, Cairu, Camacan, Camamu, Canavieiras, Coaraci, Cravolândia, Dário Meira, Floresta Azul, Gandu, Gongogi, Ibicaraí, Ibirapitanga, Ibirataia, Igrapiúna, Ilhéus, Ipiaú, Irajuba, Iramaia, Itabuna, Itacaré, Itagi, Itagibá, Itaju do Colônia, Itajuípe, Itamari, Itapé, Itapitanga, Itaquara, Itiruçu, Ituberá, Jaguaquara, Jequié, Jitaúna, Jussari, Lafaiete Coutinho, Lajedo do Tabocal, Manoel Vitorino, Maracás, Maraú, Mascote, Nilo Peçanha, Nova Ibiá, Nova Itamaraju, Pau Brasil, Piraí do Norte, Planaltino, Santa Cruz da Vitória, Santa Inês, Santa Luzia, São José da Vitória, Taperoá, Teolândia, Ubaitaba, Ubatã, Una, Uruçuca, Valença e Wenceslau Guimarães.

Segundo a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab), são 68 municípios com uma quantidade total de 1.691.844 habitantes na zona sul do estado. Ademais, quando noticiado os casos, fica subentendido que as fortes chuvas, com destruições, ocorriam em todos esses locais. Esse efeito ocorre até mesmo devido aos ganchos ou à forma como as matérias são contextualizadas para tornar-se mais interessante ao telespectador. Dessa maneira, reportagens como “Fortes chuvas no Sul da Bahia,” “Bahia e desabamento de casas devido à chuva” ou “Baixa do Rio e os destroços começam a aparecer” levavam o telespectador a querer saber mais sobre o que estava acontecendo, e a tragédia tornava-se uma “novela.”

Segundo Maxwell McCombs, esse processo que acontece com a notícia molda a visão de todos que usufruem desse produto. Ele diz que: Não temos na nossa cabeça o mundo tal como ele é, mas sim a imagem que fazemos dele. Formamos mapas sobre o entorno exterior. A necessidade de orientação é um conceito que explica o porquê de darmos sentido ao mundo que nos cerca, além de explicar a transferência de relevância da agenda midiática à pública (MCCOMBS, 2006, p. 111).

Contudo, a problemática desses recortes em destaque está no fato de que, quando se tratou de meio ambiente durante uma semana inteira de janeiro, não houve uma notícia positiva em relação a projetos ou mesmo aos resultados de iniciativas sustentáveis. O Nordeste estava preso em casos de tragédias, criando um imaginário de região não planejada e despreparada para o período de chuva. Embora essa situação seja um fato em algumas cidades ou municípios, não representa toda a região nem os 68 municípios do sul da Bahia. Infelizmente, a sociedade apenas dá sentido às coisas que acontecem ao redor quando essas são noticiadas de forma repetitiva, criando imagens a partir dessas representações.

Ainda durante o primeiro mês analisado, foram encontradas quatro notícias sobre a saúde do Nordeste no Jornal Nacional. Assuntos como “Região com mais casos de dengue,” “Nordeste tem mais casos de morte por COVID-19,” “Hospitais superlotados em Fortaleza” e “Caso da Ômicron é registrado em Pernambuco” foram, por assim dizer, os títulos das pautas sobre a saúde e o Nordeste.

A âncora do telejornal, Ana Paula Araújo, iniciou a matéria com o seguinte gancho: “Em Fortaleza, os atendimentos de pacientes com síndromes gripais têm lotado os hospitais públicos e particulares,” seguido de imagens de pessoas deitadas em bancos fora do hospital, com máscaras e visivelmente fragilizadas. Cada detalhe do discurso deve ser analisado: a escolha de iniciar pela localização espacial reforça a ideia de que o problema é específico e grave naquela região. As imagens alimentam a ideia de um povo vulnerável, e assim, tanto o discurso verbal quanto o não verbal constroem estereótipos.

O ser humano tende a procurar um culpado ou um problema em todas as situações. Então, afinal, quem é o culpado desse ocorrido? Seriam os atendimentos ou os pacientes com síndromes gripais? Em ambas as dúvidas, é nítido que a matéria sobre um problema direciona o telespectador a observar novamente problemas e pontos negativos da vida no Nordeste, sem ao menos apresentar soluções — para além dos cuidados de higiene que o povo nordestino deveria ter, como lavar as mãos, usar máscaras e álcool em gel.

Considerando que os brasileiros estavam vivendo um período pós-pandêmico, com o surgimento de novas doenças e um ciclo de dengue, era de se esperar que dentro da grade do telejornal houvesse matérias sobre essas temáticas. Porém, a fala dos repórteres e âncoras reflete-se nos pensamentos da população telespectadora, criando um efeito que, assim como outros temas, como o meio ambiente, resulta em

um olhar predominantemente negativo: um Nordeste doente e desamparado. Uma terra aparentemente ruim de se viver, no qual a situação sempre parece pior, com conflitos constantes entre natureza e homem, saúde e homem, e entre os próprios homens.

Nos dias 1^o e 3 de janeiro, houve mais espaço para o Nordeste no Jornal Nacional. Respectivamente, foram registrados quatro e três quadros. O enquadramento apresenta-se como paradigma da objetividade, funcionando como complemento da Agenda-Setting. Para esclarecer, o agendamento refere-se ao modo como a mídia seleciona os temas que se tornam objeto de discussão pública, enquanto o enquadramento diz respeito ao ângulo sob o qual os assuntos tornam-se objetos da cobertura.

Enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e torná-los mais salientes no texto comunicativo, de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou um tratamento recomendado para o item descrito (ENTMAN, 1993, p. 52).

As perspectivas sobre a realidade do Nordeste levantadas no terceiro dia observado de janeiro no Jornal Nacional foram “Nordeste com mais casos de dengue,” “Enchentes no Sul da Bahia” e “Indígenas e fazendeiros brigam por terra.” Para um telejornal feito no Sudeste, pode até parecer que os principais assuntos foram tratados sobre o Nordeste. Contudo, o que se desenha a partir desse dia, especialmente, é uma região com problemas, onde não há benefícios em se viver.

No tema Lazer e Cultura, foram encontradas notícias referentes ao Ano Novo e às praias de Recife e Salvador, bem como sobre o cancelamento do carnaval em São Luís, Maceió e Recife. Este último foi noticiado em formato de nota pelada. Até então, este estudo acreditava que haveria muitas notícias sobre um Nordeste do carnaval, da religião e das praias. Contudo, o cenário de 2022, especialmente nos seis primeiros meses do ano, estava ainda marcado pela adaptação à pandemia e ao surgimento de novos vírus.

Em suma, o primeiro mês observado já revela a segmentação dada ao Nordeste nas matérias do Jornal Nacional, bem como o posicionamento dos âncoras que observam e falam a partir do Sudeste.

3.3 Análise de Fevereiro de 2022

Durante a coleta do segundo mês, foram encontrados recortes nos temas de segurança, educação, lazer e meio ambiente. Os discursos sobre o Nordeste dentro desse mês observado partiram de temas bem distintos, como, por exemplo, o “Assassinato do dono de um portal de notícias do Ceará” ou “Salvador lidera ranking de turismo pós-pandemia”. É importante frisar que, nessa segunda matéria, houve apenas a menção de estados nordestinos e o uso de imagens; porém, quanto à construção da matéria, com a participação das fontes e passagem do repórter, está se deu no Rio de Janeiro.

O formato das matérias é de suma importância e deve ser algo estudado, visto que, muitas vezes, alimenta um discurso social e estrutural de não reconhecimento do real Brasil e de suas regiões e estados. A escolha de utilizar apenas imagens do arquivo e não incluir baianos e pernambucanos falando a partir de sua perspectiva contribui sutilmente para uma distorção da matéria e para o isolamento dos nordestinos. Tendo em vista que os dados do mapa mostraram que houve um aumento nos voos domésticos e que os estados com crescimento do turismo eram Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Segundo o anuário do Observatório do Turismo, Salvador encerrou o ano de 2022 com aproximadamente 8,2 milhões de turistas, registrando um crescimento de 37% em comparação ao ano anterior. Esse número se aproxima dos índices anteriores à pandemia. Algumas fontes abordadas afirmam que, realmente, após a segunda dose da vacina contra a Covid, sentiram-se mais seguras para voltar a viajar, fazendo com que toda a economia dos serviços de turismo se recuperasse.

É fundamental perceber a escolha editorial de apresentar a matéria a partir de uma perspectiva carioca, mesmo quando os dados mostram um crescimento turístico no Nordeste. Isso não só contribui para a invisibilidade dessas regiões, mas também perpetua um discurso centralizador que minimiza a importância das vivências e perspectivas locais. Isso reflete um padrão mais amplo de como a mídia nacional pode, mesmo que inadvertidamente, reforçar desigualdades regionais e perpetuar uma visão distorcida do Brasil.

Ainda sobre o mês de fevereiro, foi encontrada uma matéria sobre as chuvas e os rios do país: “Chuva dá cara nova ao Rio São Francisco”. Nota-se que foi dado um espaço maior para as fontes falarem da beleza do São Francisco. Intrigante é que foram as fortes chuvas de dezembro e janeiro que contribuíram para trazer alívio, como o próprio âncora do telejornal falou. Quando pesquisada, a literatura nordestina

revela-se rica em cordéis e poesias dedicados às suas paisagens e rios, tal como na letra da música “Santo Rio”, de Geraldo Azevedo:

A cidade fica mais bonita/
Quando a chuva molha/
Quando a chuva cai/
No dorso do Rio São Francisco/
No romper da aurora/
Em todo seu trajeto/
Em linhas tortas/ Direção ao mar.

A matéria é iniciada com a imagem do vasto São Francisco e uma garotinha de 8 anos, Alice, de Juazeiro, na Bahia, tocando sanfona e cantando para e sobre o rio. Ela afirma que é a primeira vez que o vê assim e acredita que, desse modo, ele está vivo. O repórter, quando aparece em sua passagem diretamente do Rio São Francisco, em Alagoas, fala que o rio voltou a ganhar força depois de 12 anos sofrendo com a falta de chuva. Cheio de esperança e alegria, mesmo utilizando máscara, é notório o entusiasmo no discurso ao falar da beleza natural do Nordeste. A priorização da imagem do Rio São Francisco para iniciar e concluir a matéria mostra ao telespectador a imensidão.

Toda a construção de um telejornal possui suas estratégias, desde a sequência ampla do que vai ao ar até mesmo dentro da matéria o que vem primeiro sobre a notícia. Também foi encontrada, dentro do tema meio ambiente, uma matéria com o tema: “Preservação de ave rara mobiliza moradores e empresa no interior da Bahia”. Essa matéria é composta pelas seguintes fontes: guia de observação das aves raras, associada das Araras Azuis de Lear, o supervisor da Coelba, companhia de energia da Bahia, e um morador da região que já presenciou muitas aves mortas devido à eletricidade.

Apesar das diferentes atuações das fontes, todos partiram de uma mesma perspectiva de proteção das aves e medidas para que não haja mais perdas da arara, visto que somente podem ser encontradas nessa área da caatinga. De certa forma, é pontual que, na sequência da participação das fontes, a matéria se encerre na fala de um morador da região que depende que a energia chegue até ele, mas que espera proteção às aves que vê do quintal de casa. Toda a exposição da notícia é

fundamental desde o âncora. Apesar do mês de janeiro ter se prendido em assuntos relacionados às tragédias do meio ambiente devido ao clima do Nordeste,

No mês de fevereiro, houve notícias mais leves e que revelavam um Nordeste tecnológico. Exemplificando, a matéria “Reconhecimento facial controla frequência de estudantes, em Mata de São João (BA)” destaca uma escola pública em uma área rural “no meio da mata”, como a própria imagem aérea revela, trazendo à tona uma narrativa de modernização e progresso em um cenário visto como afastado das inovações tecnológicas.

Cada um dos sujeitos entrevistados na matéria – diretor, secretário de educação, uma mãe, aluna e a vice-diretora – destaca como o reconhecimento facial facilita na gestão e passa a todos um sentimento de segurança. O que é de extrema importância, uma vez que muitas escolas no Brasil passaram por períodos de ataques e invasões.

Por fim, a matéria do Jornal Nacional constrói uma narrativa que celebra a tecnologia como uma solução para problemas de gestão escolar, validando-a através das vozes das autoridades, da comunidade e dos estudantes. Ao apresentar o reconhecimento facial de forma tão positiva, a reportagem ajuda a moldar a opinião pública para aceitar e apoiar a disseminação de tecnologias semelhantes em outros contextos. Essa análise do discurso revela como a mídia pode influenciar a percepção coletiva sobre o uso de tecnologia na educação, apresentando-a como um avanço inevitável e benéfico, mesmo em áreas remotas.

3.4 Análise de Março de 2022

Na semana comprovada, que corresponde de 14 a 19 de março de 2022, foram encontradas as seguintes questões: “Dezenas de cidades alagoanas estão sofrendo os efeitos da seca”, “Maranhão tem 22 municípios em emergência por causa da chuva”, “Piloto de helicóptero morre ao fazer pouso forçado em alto-mar na Bahia”, “Três meses depois das chuvas torrenciais, sul da Bahia tenta se reerguer” e “Idosos recebem hortaliças de graça em Fortaleza”.

A primeira matéria, intitulada “Dezenas de cidades alagoanas estão sofrendo os efeitos da seca”, pertence à categoria de meio ambiente e destaca um problema recorrente em diversas cidades do Nordeste: a seca, um elemento alegórico nas narrativas sobre a região. Essa questão é ilustrada de maneira contundente no filme *Bacurau* (2019), onde os moradores são dependentes do carro-pipa para obter água.

Muitas vezes, a arte imita a realidade. De acordo com o *Jornal Nacional*, dez municípios nordestinos enfrentam a realidade de precisar de carros-pipa ou bombas para garantir o abastecimento de água nas casas.

O segundo entrevistado é um Assessor Técnico da Defesa Civil. Em sua fala, afirma que não há água suficiente para trazer vida ao local, além de imagens aéreas de um espaço sem o verde e o solo nitidamente precisando de água. Filmagens de carros-pipa e moradores retirando água com baldes de uma cisterna revelam, para além da fala e dos dados, uma realidade apresentada através das imagens. Um morador da cidade compartilha que não tem água nem para fazer um café. De forma simples, revela que estava tudo seco. A água possui um papel muito importante nas tarefas do dia a dia. Desde o acordar até o momento de ir dormir, precisamos de água para fazer comida, manter-se limpo e, durante o calor, como forma de se refrescar do clima quente.

Essa matéria foi construída com seis fontes, sendo, em sua maioria, agricultores aparentemente simples que dependem da água. Foram apresentadas duas realidades durante os poucos minutos da matéria. Primeiro, a de Lucas Félix, que não possui uma gota de água. Em seguida, a de agricultores que vive próximo ao Canal do Sertão Alagoano, e carregam água do rio São Francisco, devido à falta de encanação. Os problemas se desdobram, e o repórter declara a região Nordeste como a mais seca de todo o país.

A segunda notícia encontrada no mês de março foi “Maranhão tem 22 municípios em emergência por causa da chuva”. Mesmo com esse dado alarmante, a matéria foi ao ar em formato de nota coberta, no qual o próprio âncora do programa, William Bonner, apresentou os fatos e utilizou de imagens feitas por um celular, da cidade de Pedreira no Maranhão. Apesar de citar que esses municípios estão em emergência, não menciona qual órgão determinou o estado da situação. As fortes chuvas fizeram com que o Hospital Geral e as escolas de Pedreira fossem invadidos pelas águas. As imagens mostram livros sendo molhados por uma água avermelhada e moradores nas ruas procurando lugar seguro.

O Maranhão e Alagoas, apesar de estarem separados por 1.449,4 km e de fazerem parte da mesma região, Nordeste, precisam enfrentar desafios climáticos distintos, que evidenciam a diversidade e complexidade do cenário regional. Como apresentado no *Jornal Nacional*, enquanto cidades alagoanas sofrem com a seca e a escassez de água para a agricultura e as tarefas básicas, vinte e dois municípios do

Maranhão enfrentam os efeitos devastadores das chuvas intensas. Esse contraste ilustra como, dentro de uma mesma região, as vulnerabilidades climáticas podem se manifestar de maneiras diferentes, exigindo soluções adaptadas às especificidades de cada localidade, seja cidade, município ou interior.

No mesmo dia, 16 de março, o Nordeste recebeu outro recorte durante o programa. “Piloto morre ao fazer pouso forçado na Bahia” também foi apresentado em formato de nota coberta. Apresentada pela âncora Renata Vasconcellos, a tragédia não trouxe muitas identificações de nomes, somente que as outras doze pessoas que estavam a bordo sofreram apenas ferimentos leves. O acidente ocorreu no transporte de trabalhadores da Petrobras para uma plataforma, e os fatos ainda iriam ser analisados por uma comissão. A imagem é uma gravação orgânica do telhado de um prédio, não há imagens das pessoas entrando em um helicóptero e não foram noticiadas mais informações. Por conseguinte, todo esse recorte sobre o ocorrido foi apresentado de forma rápida e sem aprofundamentos sobre os fatos.

Os materiais sobre as fortes chuvas ainda continuam. No dia 17 de março, o *Jornal Nacional* noticiou que: “Três meses das chuvas torrenciais, o sul da Bahia ainda tenta se reerguer”. A notícia se inicia com dona Elcinha Barros, uma senhora que perdeu sua casa durante as fortes chuvas. Usando máscara e um pano na cabeça, ela afirma ser uma grande tristeza, pois desde que nasceu morava naquela casa, ganhou seus nove filhos no local e criou todos. Ela está construindo novamente sua casa com a ajuda do filho no mesmo local. A ligação com a terra representa muito além do espaço geográfico; está concernente as memórias afetivas e relações.

Foram mais de um milhão de pessoas afetadas pela forte chuva. Imagens mostram muitas pessoas em cima de embarcações estreitas tentando chegar a um lugar de segurança. Destroços de móveis das casas mostram os impactos das tempestades nos moradores. A segunda fonte, Railane Oliveira, está com um bebê no colo e compartilha que perdeu os documentos e, por isso, não tem como pedir auxílio moradia. Ela e seu filho vivem em uma escola desativada.

Na matéria, é possível ver a ajuda chegando através de voluntários, ONGs, empresas e do poder público, que dá alimentos, roupas e utensílios aos moradores atendidos. A terceira fonte, Nilza Maria da Costa, também dona de casa, afirma que até o momento ainda usa roupas que ganharam e coisas que estão ganhando de outras pessoas. Na voz dela é possível observar o choro preso na garganta. Em todas

as fontes entrevistadas era possível identificar a melancolia na voz e no olhar, uma mistura de tristeza e gratidão.

Mas não foram apenas as casas e os móveis que foram destruídos com as fortes chuvas. Houve registro de estradas intransitáveis, com imagens de carros atolados e pessoas andando pela lama e a buraqueira. Um agricultor afirmou que não tem como pegar estrada, pois não há nada para facilitar a passagem. Um repórter de um dos municípios afirma haver 25 pontes destruídas e que a prefeitura não possuía dinheiro. Um Nordeste de pobreza é notificado a partir da passagem do repórter, que fala de um ambiente seco sem nenhuma estrutura.

A última matéria coletada do mês foi no dia 19, sobre “Idosos recebem hortaliças de graça em Fortaleza”. Imagens das hortaliças que são cultivadas por um programa da periferia, mantido pela prefeitura, mostram a ação que é uma oportunidade para os idosos se alimentarem de forma saudável e terapêutica, já que podem colocar a mão na massa. Essa matéria é bem mais leve que as demais apresentações ao longo da semana vista no mês de março. Os idosos que serviram como fonte da notícia agradeceram. Essa matéria revela um Nordeste solidário, em que as pessoas se ajudam em todas as adversidades.

Nos dias 15 e 18 de março, não houve nenhuma notícia que mencionasse a região Nordeste no *Jornal Nacional*. A ausência de assuntos sobre o Nordeste evidência uma lacuna no telejornal. Mesmo nos dias em que ela foi mencionada, foi identificado apenas um ou dois fatos relacionados ao Nordeste na edição, sendo que o telejornal tem cerca de 50 min de duração. Esse padrão impulsionou estudos que refletem sobre como o Nordeste é retratado na mídia nacional.

3.5 Análise de Abril de 2022

O mês de abril é o quarto mês do ano e possui trinta dias, sendo que esses dias foram ao ar vinte e seis edições do *Jornal Nacional*. Segundo a estratégia da semana construída, a semana desenvolvida foi de 25 a 30 de abril, quarta semana. Durante o período de coleta, foi divulgado que em três dos seis dias do programa JN não houve nenhuma notícia sobre o Nordeste. Já nos dias 27, 28 e 30 foram encontradas as seguintes matérias: “Descoberta arqueológica no centro histórico do Recife pode revelar como era a vida dos primeiros moradores da cidade”, “Serviço Geológico Federal resiste às regras para as visitas ao cânion do Xingó”, “Uma espécie invasora de coral está sendo usada para tentar renovar os recifes da Bahia” e “Depois

de quase fechar as portas, uma companhia de dança da Bahia renasceu”. Os materiais giraram em torno de questões culturais e ambientais.

As pessoas somente ficam atentas aos fatos que são noticiados. “Os (tele)jornais, por meio de suas narrativas, oferecem essa via de acesso ao imaginário, são vasos comunicantes de determinado modelo e/ou concepção de cultura ou identidade nacional” (Bhabha, 1998, *apud* Coutinho; Musse, 2010, p. 04)

Essa ausência é cheia de significados, considerando que o Jornal Nacional é um dos principais telejornais de horário nobre no Brasil, com escopo em todo o território. O fato de uma região não ganhar espaço devido a outras regiões significa que o Nordeste pode estar sendo menos pautado ou até invisibilizado nas notícias, o que colabora para uma visão distorcida ou incompleta do Brasil. “O telejornalismo seleciona as informações e cria uma cartografia da Nação levando em consideração critérios altamente subjetivos”. (Coutinho; Musse, 2010, p.6). Para além de relatar apenas os fatos de forma neutra, o telejornalismo escolhe quais informações serão apresentadas e como elas serão mostradas, o que acaba moldando a visão que os telespectadores têm. Como os próprios autores mencionam, o telejornal construiu uma imagem particular.

Em suma, a falta de notícias sobre o Nordeste durante três dias de uma semana no Jornal Nacional é sintomática de uma cobertura jornalística que não reflete adequadamente a diversidade regional do Brasil, evidenciando a necessidade de uma maior imparcialidade na representação de todas as regiões no telejornalismo de massa, garantindo que a diversidade do país seja confirmada.

No dia 27 de abril, foi lançada a matéria “Descoberta arqueológica no centro histórico do Recife pode revelar como era a vida dos primeiros moradores da cidade”. Com imagens do espaço, trouxe como fontes uma bioarqueóloga e uma arqueóloga. A matéria mostra uma abordagem interessante sobre a história local, ao destacar o potencial de revelação sobre a vida dos primeiros moradores da cidade. A escolha das fontes indica um cuidado em oferecer uma perspectiva especializada e científica, conferindo recomendações adicionais à reportagem. As imagens do espaço destruído complementam a narrativa, ajudando o espectador a visualizar o contexto da descoberta e a importância do local.

Além disso, no dia 28 de abril, foi ao ar a matéria “Serviço Geológico Federal resiste às regras para as visitas ao cânion do Xingó”. Apesar de falar do turismo que afeta essas paisagens naturais e enfatizar as belezas dos grandes paredões, essa

notícia se enquadra dentro da categoria de segurança. Ela teve como principais fontes profissionais da área, como, por exemplo, um engenheiro da Defesa Civil do Estado, um representante da Defesa Civil de Alagoas e dois turistas não identificados.

O Xingó fica localizado no Rio São Francisco, com rochas belíssimas que dividem os estados de Sergipe e Alagoas. Essa paisagem atrai mais de 600 mil visitantes. No mês de janeiro do mesmo ano da análise desta pesquisa, ocorreu um acidente com os cânions de Minas Gerais, turistas morreram devido ao rompimento das rochas e à proximidade muito além do permitido. É importante a ligação que uma matéria possui com a outra, mesmo após meses. O telejornalismo constrói essas teias que ligam os fatos e nos aproximam.

Ainda no mês de abril, as duas últimas notícias sobre o Nordeste encontradas no Jornal Nacional foram: “Uma espécie invasora de coral está sendo usada para tentar renovar os recifes da Bahia” e “Depois de quase fechar as portas, uma companhia de dança da Bahia renasceu”. Ambos foram transmitidos no dia 30 de abril, pelo JN. Duas informações que mostram a conexão do nordestino com a arte, seja a de pescar ou a de dançar.

A notícia sobre os corais invasores faz parte da ação que os pescadores estão desenvolvendo para salvar o recife da Bahia do famoso coral-sol. As fontes dessa matéria foram pescadores que sobreviveram nessas águas e que querem fazer história auxiliando a Marinha. Logo no início da notícia, Milton Sales de Santana, pescador de 82 anos, afirma já ter plantado de tudo, mas nunca imaginou que plantaria corais.

A paisagem de São Francisco e os pescadores se apoiando mostra a importância das águas para aquela população. A segunda fonte explica todo o procedimento: José Roberto Caldas Pinto, comerciante e pescador. Mas é a terceira fonte que chama atenção, um jovem pescador que deseja deixar o legado de suas atitudes para seus filhos, para que seja inspiração. Toda essa matéria conta com imagens do fundo do mar e do São Francisco.

Dessa forma, no quarto mês apresentado, houve o registro de mais matérias sobre cultura e meio ambiente. Para finalizar, a última notícia sobre o Nordeste abordou o retorno de uma companhia de dança da Bahia que estava voltando aos palcos e às ações, após, segundo a própria âncora do telejornal, “quase fechar as portas”. O corpo de dançarinos, formado por pessoas da periferia e majoritariamente negras, revela a importância do grupo e da dança. As principais fontes foram

dançarinos e coreógrafos que auxiliaram o projeto e, como uma das fontes entrevistadas destacadas, toda ação deles “acaba um pouquinho com a invisibilidade, você ver a pessoa da Bahia nos palcos, você se ver”. Essa, sem dúvida, poderia ser uma matéria para encerrar o Jornal Nacional, deixando as pessoas refletindo sobre a arte e a importância da representatividade do povo nordestino. Contudo, ela está apenas no meio do programa, não estando nem no espaço de destaque da edição do dia. Portanto, note-se que, mesmo abril tendo questões consideradas “mais leves”, sem possuírem um peso de violência ou fome, as notícias que foram ao ar estavam dispostas no telejornal de forma, às vezes, imperceptível.

3.6 Análise de Maio de 2022

Durante a semana do dia 2 a 7 do quinto mês observado, foram descobertas seis notícias, sendo as principais temáticas saúde, segurança, economia e meio ambiente. Entre as mais diversas linhas, e algumas até no formato de nota coberta, elas possuem os seguintes ganchos: “Parte do forro da maior unidade de saúde pública de Pernambuco desaba”, “Biofertilizante é alternativa para agricultores em Petrolina – PE”, “Moradores e ambientalistas têm se deparado com uma cena incomum no litoral da Paraíba”, “Incêndio destruiu palafitas em Recife”, “Problemas nas estradas no Maranhão prejudicam o transporte de grãos” e “Instituição que acolhe crianças com câncer faz programação especial do Dia das Mães em Fortaleza”.

No dia 2 de maio, houve dois recortes de notícias no JN sobre o Nordeste. Para além do quantitativo, que não é a base dessa pesquisa, elas foram apresentadas de forma diferente. A primeira a ir ao ar nessa semana foi uma nota coberta, com imagens de um aparelho móvel mostrando o desespero das pessoas durante o ocorrido. “Parte do forro da maior unidade de saúde pública de Pernambuco desaba”. Essa notícia foi apresentada sem muitas informações: não houve um repórter no local ou próximo ao hospital e nem uma fala de fontes relatando. Apenas a apresentação do Jornal Nacional, comentando sobre o que aconteceu, partindo da explicação da Secretaria do Estado da Saúde, que afirmou ter sido um cano estourado e que a água atingiu a enfermaria. Nas imagens gravadas com um celular, é possível visualizar pessoas doentes em macas, familiares e profissionais de saúde ajudando a retirá-las do local.

A saúde, ou a falta de estrutura e apoio dela em algumas cidades do Nordeste, é evidente não apenas em notícias como o desabamento do forro

de uma das maiores unidades de saúde pública de Pernambuco. No filme *Bacurau* (2019), a primeira cena mostra Teresa voltando da cidade com remédios para o povo de Bacurau, que reside e vivia lá. Porém, não havia coisas básicas para se manter, visto que foram abandonados pelos políticos. De acordo com a Globo, para quem vive no Nordeste, a saúde parece ser um problema de maior importância. É uma região conhecida por muitas características, tanto boas como ruins.

A primeira notícia sobre a economia do Nordeste foi em maio: “Biofertilizante é alternativa para agricultores em Petrolina – PE”. Pelo gancho, não parece ter uma vertente econômica; porém, a matéria trata de uma alternativa criada para agricultores em Petrolina, Pernambuco. Com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, houve um encarecimento nos fertilizantes, levando agricultores nordestinos a produzirem fertilizantes a partir da matéria-prima, que vem do oceano. Os rodólitos marinhos são ricos em cálcio e magnésio, e são pedras com uso autorizado.

As fontes dessa notícia foram empresários, produtores rurais e gerentes de plantação, pessoas que estão diretamente envolvidas com a fabricação, aparentemente sem grandes equipamentos tecnológicos, mas certamente inovadores. Contudo, todo o trabalho realizado em Petrolina tende a aumentar o número de produção. O repórter, em seu discurso, afirma ser uma saída para os produtores rurais da região.

Outra notícia sobre o Nordeste foi transmitida pelo telejornal apenas um dia depois, em 4 de maio, com o seguinte gancho: “Moradores e ambientalistas têm se deparado com uma cena incomum no litoral da Paraíba”. Imagens de plásticos que se misturam com a areia da praia abrem a matéria, juntamente com a voz do repórter, que afirma que aquelas praias são conhecidas por serem belas.

As embalagens transportadas de outros países, chamam atenção e ficam na orla devido à maré e à poluição causada por pessoas. O lixo afeta todas as pessoas e o fluxo dos peixes também. As fontes dessa matéria foram um pescador, uma coordenadora do museu ambiental e um professor. Essas pessoas se reúnem para catar os lixos e compreender a origem deles. Essa ação, para além de retirar os lixos que poluem as praias, é uma forma de reflexão sobre as atitudes com o meio ambiente.

Milhares de pessoas no Nordeste vivem como ribeirinhos, ao redor do rio e dependendo dele quase que completamente para sobreviver. Ao longo das análises, os rios, oceanos e mares já foram destaque muitas vezes.

Adicionalmente, no dia 6 de maio, em formato de nota coberta, o Jornal Nacional noticiou com esse gancho: “Incêndio destruiu palafitas no Recife”. Mesmo sendo um acontecimento de grande impacto, não houve um aprofundamento nessa notícia. A âncora da noite, William Bonner, afirmou que o fogo atingiu as palafitas, construções que são elevadas por estacas. Contudo, a origem do fogo não foi mencionada. Nem moradores ou comerciantes que tiveram suas casas destruídas pelo fogo foram ouvidos. A única informação, além de um vídeo feito de longe, veio das autoridades.

O uso da nota coberta nessa notícia pelo JN ilustra uma lacuna significativa na cobertura dos acontecimentos que afetam as comunidades vulneráveis. Embora o incêndio nas palafitas no Recife tenha sido noticiado, a falta de profundidade destaca-se diretamente como, em muitos casos, os povos são marginalizados ou esquecidos. Algo que também pode ser visto em *Bacurau*, no qual a cidade nem ao menos estava no mapa.

Em resumo, durante maio, o Maranhão teve um aumento enorme nos caminhões que transportam soja para o porto de Itaqui. Foi com essa informação que a âncora transferiu a matéria sobre “Problemas nas estradas do Maranhão prejudicam o transporte de grãos”. A contextualização serviu para perceber que as estradas estão em condições que dificultam bastante o trajeto que deve ser feito. Imagens de plantação de soja e estradas sem asfalto fazem uma combinação perfeita entre discurso e imagem, dois elementos que auxiliam na construção do telejornal.

A matéria é construída a partir das estradas, logo o repórter trouxe informações sobre as rodovias no Maranhão e quais são as perdas de acordo com o sistema. Durante a reportagem, que teve uma duração de três minutos, é nítido que o repórter relatou a situação das rodovias, visto que não se prendeu apenas a uma estrada, mas trouxe outros exemplos de como está a situação das rodovias no território maranhense, com foco na região do sul do estado, tendo em vista que é uma área conhecida pela produção de soja.

Foram ouvidas mais de três fontes, sendo, na maioria, caminhoneiros ou motoristas que sofrem com o estado crítico das rodovias. Independentemente de estar chovendo ou não, os buracos e as curvas também são reduzidos para que os transportes percam o controle, afetando mercadorias que valem bastante para a economia do país. Reportagens como essa apontam as estradas que ligam o Maranhão, e, neste caso, considerou-se de forma fundamentada em informações.

Concluindo esse mês de estudo, a última matéria foi no dia 7 de maio, um sábado, que antecede o domingo do Dia das Mães. Com o gancho “Instituição que acolhe crianças com câncer faz programação especial de Dia das Mães”, o instituto fica localizado em Fortaleza e muitas mães moram em outros lugares, mas se mudam em busca de tratamento para os filhos. Essa matéria foi transmitida estrategicamente devido a data especial do Dia das Mães, assim como a ação realizada.

As fontes entrevistadas dessa notícia estavam envolvidas no projeto, desta forma é impossível não observar uma comoção no agradecimento das mães e nas falas das organizadoras desse dia tão especial. Uma notícia que emociona os telespectadores e, muitas vezes, os jornalistas envolvidos. Essa foi a última matéria sobre o Nordeste que foi ao ar no mês de maio, o mês conhecido pelo transporte de cargas, mas principalmente conhecido como o mês das mães.

3.7 Análise de Junho de 2022

Por ser o último mês da análise do telejornal, a semana escolhida saiu da rota, sendo escolhidos os dias 20 a 25 de junho, para a construção do estudo, a penúltima semana. Nesta observação, foram encontrados os seguintes materiais: “Homem morto dentro de porta-malas de carro em Sergipe”, “Caso de Genivaldo, homem morto em porta-malas”, “Retorno das festas do Nordeste/Maranhão” e “Retorno das festas juninas Samba-junino”. Durante os seis dias, as matérias foram feitas em formatos diferentes, e algumas deram continuidade aos casos que ocorreram em maio de 2022, como é o caso das notícias sobre Genivaldo.

As duas primeiras matérias que foram ao ar pelo Jornal Nacional, nos dias 21 e 23 de junho, contando novidades sobre um caso que alarmou todo o Brasil. Em maio, um homem foi morto durante uma abordagem da Polícia Rodoviária Federal em uma cidade no sul de Sergipe. Genivaldo de Jesus foi trancado no porta-malas de uma viatura da PRF e registrado à inalação de lacrimogênio. Um reflexo da violência policial que permeia o Brasil.

No dia 21 de junho, em formato de nota coberta, o Jornal Nacional noticiou que a PF pediu mais 30 dias para concluir o inquérito sobre a morte de Genivaldo de Jesus. Imagens traseiras do carro da Polícia Federal e da frente da delegacia revelam que as movimentações estão paradas, e a âncora da noite compartilha que a PF aguarda os resultados dos laudos pedidos ao IML e à Diretoria Técnico-Científica para encerrar a investigação. Ela retorna ao que aconteceu com Genivaldo, mostrando as cenas de

violência. Quando noticiado abuso de autoridades de policiais contra cidadãos, a vítima possui uma das seguintes características: negro, nordestino, classe média baixa e portadora de alguma doença, como é o caso abordado.

O Jornal Nacional continua noticiando no dia 23 de junho as investigações para a decisão judicial relativa à morte de Genivaldo, ainda em formato de nota coberta. Mesmo que durante esta semana de observação as matérias relacionadas ao caso tenham sido em formato de nota coberta, de forma mais breve e objetiva. A violência policial registrada no interior do sul de Sergipe, no Nordeste do país, colocou em evidência e questionamento as abordagens policiais.

“O Ministério Público de Sergipe abriu uma investigação para apurar se a Polícia Rodoviária Federal desrespeitou ou não a lei de acesso à informação e à Constituição”, uma nota coberta de 23 de junho foi iniciada desta forma, transparecendo nesse discurso aos telespectadores que as investigações cada vez mais estava se aprofundando e descobrindo outros supostos crimes. São poucas as vezes que os apresentadores do Jornal Nacional utilizam conjunções como “ou” em seus ganchos. Essa conjunção alternativa transparece dúvidas, o que tendo em vista a linguagem do telejornal, chega ser contraditório.

Seguindo o fluxo das matérias com recorte sobre o Nordeste, a próxima foi no dia seguinte, 24 de junho. Fazendo alusão ao mês junino, a notícia “Festejos de São João voltam ao Maranhão” traz as cores, os filhos e a alegria de poder festejar pós-pandemia. No estado maranhense, as apresentações começam um mês antes, mas somente após o ritual e a vitória ao boi é que é dada a largada. Até então, eram as prévias da festa junina.

As imagens de muitas pessoas participando do ritual e das festividades revelam a força cultural da festa junina. O repórter que cobriu essa matéria fala de São Luís e destacou a importância das vestimentas e do instrumento da matraca. Após a cerimônia e troca da capa do boi, as pessoas saem pela cidade. As fontes entrevistadas mostraram contentamento. O padre que abençoou o boi contou ser “um momento que as pessoas se reúnem para confraternizar”. E a madrinha do boi afirmou ser “uma alegria muito grande”.

As festas juninas do Maranhão marcam não apenas a capital, que é São Luís, mas também outras cidades, em todos os setores. A terceira fonte entrevistada foi um turista de Curitiba, que afirma ser essas festividades culturais e, por isso, “devemos preservar cada vez mais”. Essa tradicional comemoração movimenta o turismo e a

economia, além de vibrar a ligação existente entre o nordestino e o boi. Para Freyre (2004), “o boi associou-se também aos dias alegres do negro de engenho – os de dança, de cachaça, de festa – na figura do bumba-meu-boi”.

Dando continuidade, ainda sobre as festas juninas, no dia 25 de junho o Jornal Nacional transmitiu que “Depois de uma grande pausa provocada pela pandemia, as festas juninas estão tomando conta do Nordeste e, no São João de Salvador, o forró divide espaço com o samba”. A matéria noticiou as manifestações culturais do São João que se misturam com os mais diversos estilos musicais em Salvador.

A primeira pessoa a falar foi com uma mãe de santo, lakekerê, que afirmou ser um momento não somente de reverência e tradição a Santo Antônio, como também um momento de alegria de cantar e tocar”. As imagens dos santos se misturam com os terços e os ouros, enquanto as pessoas cantam e tocam instrumentos populares de dança de roda. Uma tradição que o repórter afirma ter mais de 50 anos, arrasta grupos e multidões na Bahia de todos os santos.

Como segunda fonte, a matéria trouxe uma historiadora que compartilha alguns conhecimentos históricos sobre a manifestação e afirma que “o samba que acontecia, integrava as comunidades”. Toda essa expressão cultural foi tida como patrimônio cultural de Salvador. Tanto para o brincante que participa, quanto para os que cantam e tocam juntos, “fica bem mais animado”. A alegria de São João do Nordeste, da Bahia, é reconhecida por todo o país, por esse motivo não teria como não ser noticiado em um telejornal de amplo alcance.

Contudo, quando o repórter conclui a matéria mostrando inúmeras pessoas dançando e se divertindo, é notório a felicidade das pessoas em novamente poderem estar juntas. Durante o mês de junho, aguardava-se encontrar materiais sobre as festas juninas, o bumba-meu-boi e as expressões culturais do Nordeste. Porém, o resultado não somente deste mês de junho, mas dos seis primeiros meses, revela um país que retorna do isolamento e do combate ao vírus da COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo dessa pesquisa, foi possível abordar mais sobre as representações do Nordeste no telejornal, traçando as características do espaço e a sua cultura. Durante o estudo, pode-se contar com o auxílio de cordéis, poemas e canções nordestinas para que a escrita fosse a mais fluída e pertencente possível, apesar do propósito

acadêmico. Por isso, foram utilizadas referências como Luiz Gonzaga, Chico César e Bráulio Bessa artistas nordestinos que contam do povo nordestino e de suas terras.

Do mesmo modo, o estudo buscou identificar especificamente quais os principais estados que são noticiados no Jornal Nacional. Utilizando de uma escrita descritiva das edições, teve ainda por objetivo observar como os assuntos relacionados ao Nordeste são abordados por um telejornal localizado no Sudeste do Brasil. Além de reconhecer quais são os principais assuntos (enquadramentos), dado a região.

Captou-se que apesar do período de estudo corresponder aos meses de datas folclóricas brasileiras, que movimentam em muitos setores o Nordeste, o foco do telejornalismo nacional não se prendeu da forma esperada nas manifestações culturais. Tendo matérias pontuais, mas que no todo não estavam sendo retomadas recorrentemente como temática.

É nítido que o Jornal Nacional, desenvolve um papel fundamental na integração das notícias para todas as regiões do país. Alcançando picos de audiência, e estando presente de segunda a sábado nas casas de uma grande parcela dos brasileiros telespectadores. Como Piccini (2008) pontuou a televisão é o centro de excelência. Partindo de toda a importância da televisão como um veículo de comunicação e quando se pensa em meios de comunicação de massa, ou seja, que alcance muitas pessoas, a TV em paralelo com o rádio é considerada segura para se informar, de acordo com a nona edição da pesquisa ABA/Top Brands. Possuindo índices alto de audiência ela foi o meio de comunicação escolhido.

De janeiro a junho, meses observados a partir da semana construída foi assistida e analisadas 36 edições do Jornal Nacional, sendo que elas possuem mais de 40 min e menos de 60min. Assim sendo, dentro de cada edição há notícias em formatos distintos, sobre diferentes assuntos sendo internacional e nacional. Como o foco são as notícias sobre o Nordeste foi possível observar 40 notícias, nas 36 edições assistidas. Um número que em um primeiro instante pode parecer bastante, porém quando notado que há semanas sem nenhuma notícia sobre a região ou que o telejornal tem quase 1h, esse número se torna preocupante.

Os temas escolhidos para a catalogação dessas matérias foram chaves, para identificar sobre qual temática são as principais notícias. Ademais, elas estavam em sua maioria centradas em assuntos de Meio Ambiente, relacionadas a chuva ou Segurança, com matérias sobre casos de violência na região. A partir do foco de observar como tais notícias são tratadas, foi perceptível que as muitas matérias sobre

a chuva estavam na maioria das vezes se referindo ao Sul da Bahia, de forma ampla, sem uma identificação precisa da localização, cidade ou município que as tragédias estavam acontecendo.

Palavras como tragédia, destruição e emergência foram usadas pelos jornalistas ao apresentarem os fatos, que realmente são de alerta, porém não correspondem a situação de todo o Sul da Bahia, muito menos de toda a região. Uma vez que existe estados, cidades ou municípios do Nordeste que nesse período não sentiam uma gota se quer de chuva. A abordagem tomada de certo modo alimenta um estereótipo associado as imagens de vulnerabilidade ou risco.

Além disso, quanto as notícias sobre o Nordeste a maioria aconteceram no estado da Bahia ou na capital Salvador. Teve cobertura em outros estados como Maranhão, Pernambuco e Maceió, porém foram poucas se comparado com as matérias sobre a Bahia, isso porque no inicio do ano, durante os períodos das as fortes chuvas o JN realizou uma cobertura intensamente. A presença de um mesmo assunto repetidas vezes no jornal, transforma toda a situação em uma novela que o telespectador acompanha.

Por certo, o Nordeste ainda é pouco noticiado no Jornal Nacional, das 36 edições, assistidas 11 não possuem nenhum espaço para o Nordeste, no quesito notícia. Isso significa que em apenas 25 foram mencionadas a região, um numero pouco já que as demais notícias encontradas no JN são principalmente ocorridas no Rio, São Paulo e Brasília.

Diante do que foi levantado em termos de notícia sobre o Nordeste, foi possível perceber a negligência por parte do telejornal nacional para com uma região que possui uma importância cultural, histórica e política para o país. A ausência de notícias sobre a região nordestina acaba por invisibilizar ocorridos e chega a ser contraditório, visto que, o JN se coloca como um noticiário de todo o Brasil. Pela semântica da palavra Jornal Nacional deveria falar de todo o país, quando na prática negligência o Nordeste. No decorrer das matérias coletadas nem metade dos estados nordestinos tiveram notícias no telejornal de horário nobre na tv brasileira.

Em suma, estudos como esse são fundamentais para ampliar o debate sobre o papel da televisão enquanto veículo de comunicação de massa que, mais do que informar, têm uma influência no desenvolvimento das percepções culturais e identitárias do Brasil.

Embora as notícias analisadas, em sua maioria contrarie a hipótese inicial desse estudo é notório que o Jornal Nacional quando é para noticiar sobre o Nordeste prioriza matérias com viés de violência, pobreza e vulnerabilidade. O que revela uma visão limitada, de uma região que há tanto para conhecer. Dessa forma, este trabalho se configura apenas como um ponto de partida para futuras pesquisas acadêmicas. E que possamos estar ampliando o recorte temporal para e programas de mestrado e doutorado aprofundando a análise das representações midiáticas do Nordeste.

Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo um sorriso sincero, um abraço
Para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade
Que bom poder tá contigo de novo
Roçando teu corpo e beijando você
Pra mim tu és a estrela mais linda
Teus olhos me prendem, fascinam
A paz que eu gosto de ter
É duro ficar sem você vez em quando
Parece que falta um pedaço de mim
Me alegre na hora de regressar
Parece que vou mergulhar
Na felicidade sem fim

Compositores: Fernando Manoel Correia / Jose Domingos De Moraes Letra de De
volta pro aconchego

REFERÊNCIAS

AITA, Priscila.A. **Um estudo da teoria do enquadramento**. Revista Anagrama, São Paulo, ed.1, p.11, setembro-novembro,2010.

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Domingos Alves de. **A construção das identidades culturais latino-americanas nos discursos televisuais da televisión delsur – TELESUR**. Orientadora: Adilson Vaz Cabral Filho. Dissertação (Doutorado em Mídia e Cotidiano) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

CARVALHO, C. A. **Sobre Limites e Possibilidades do Conceito de Enquadramento Jornalístico**. *Contemporânea*, v. 7 n. 2, p. (1-15), dezembro, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v7i2.3701>

CARVALHO, Herli de Sousa. **No chão quilombola os rebentos narram suas percepções acerca da escola de infância da comunidade Cajueiro I em Alcântara – Maranhão**. Orientadora: Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi. 2016. Dissertação (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23755/1/HerliDeSousaCarvalhoTESE.pdf>. Acesso em: 02 nov.2024

ECHEVERRIA, Renata. **Olhares sobre o Jornal Nacional: as representações sociais do Nordeste no telejornal da Globo**. 2017. Intercom, Curitiba, 04 a 09 de setembro. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1144-1>

ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. *Journal of Communication*, 43(4), p. 51-58. 1993.

FRANCO, Sandra Lia Rodrigues. **O estudante universitário e as notícias da mídia impressa**. Comunicação e Sociedade. a. 32, no 54. São Paulo: 2010.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. São Paulo: Global, 2013

FREYRE, Gilberto. **Manifesto regionalista**. 7.ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. p.47-75.

GONÇALVES, T. **A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo**. Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura, 2011, no 5/6,

GREGOLIN, M.R.V. et al. (Org.) **Análise do Discurso: entornos do sentido**. Araraquara (SP): UNESP, FCL, Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

GUERRA, Vânia M.L. **A análise do discurso de linha francesa e a pesquisa nas ciências humanas**. An. Sciencult, v.1, n.1, Paranaíba, 2009. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/sciencult/article/view/3274/3247>. Acesso em 17 de nov

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **De 2010 a 2022, população brasileira cresce 6,5% e chega a 203,1 milhões**. IBGE, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37237-de-2010-a-2022-populacao-brasileira-cresce-6-5-e-chega-a-203-1-milhoes>. Acesso em: 03 nov 2024

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados do censo 2022 revelam que o Brasil tem 1,7 milhão de indígenas**. IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dados-do-censo-2022-revelam-que-o-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas>. Acesso em: 03 nov 2024

LEITÃO, J. A; SANTOS, M.S. T.S. **Imagem Jornalística e Representações Sociais: A Imagem dos Sertões**. Revista Brasileira de Ciências da

Comunicação, v.35, n.1, p. (133-155), janeiro-junho,2012. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1809-58442012000100008>

LUSVARGHI, L. C. **A Reinvenção do Nordeste: Estratégias dos Grupos de Mídia para o Jornalismo Audiovisual Regional**. Revista Alterjor, [S. l.], v. 1, p. 1-19, 2012. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88180>.

MAKOWIECHY, S. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v.4, n. 57, p. 2-25, 2003.

MARTINS, R.E. **As Representações Sociais do Nordeste no Jornal Nacional**. Tese de Pós-Graduação em Comunicação - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, pg.204. 2017.

MESQUITA, B. A. **A crise da economia do babaçu no Maranhão (1920-80)**. XVIII Annual Student Conference of Latin America, patrocinado pelo ILASSA —Institute of Latin Studies Student Association, da Universidade do Texas, Austin. p.13, fevereiro de 1988.

MORAIS, A.A.F. **Telejornalismo e Cultura: os sistemas representacionais sobre a região Nordeste em Caravana JN**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São João Del- Rei, São João Del-Rei, pg.131. 2009.

ROSSETTO, G. P. N.; SILVA, A. M. **Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?**. Intexto, Porto Alegre, n. 26, p. 98–114, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/22933>.

SANTOS, D.V.C. **Acerca do Conceito de Representação**. Revista de Teoria da História, v.6, n.2, p. (27 -53), dezembro, 2011. Disponível em:
https://www.academia.edu/download/28302679/artigo_2_santos.pdf

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: CONFERÊNCIA DE INAUGURAÇÃO DO MESTRADO EM GEOGRAFIA, Conferência de inauguração do Mestrado em

Geografia da Universidade Federal Fluminense, nº I, 1999, Niterói. Tipo de obra (Anais, proceedings etc). Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geographia/article/download/13360/8560/52708>

SILVA, G. **Para Pensar Critérios de Noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v.2 n.1, p. (95 – 107), 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>

SILVA, S. D. do R.; MASSUCHIN, M. G. **Construção do Nordeste no telejornalismo: um estudo do Jornal Hoje**. Revista Extraprensa, [S. l.], v. 13, n.1, p. 185-207, 2019. DOI: 10.11606/extraprensa2019.158986. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/158986>.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC – Rio: Apicuri, 2016

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Isular, 2005.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa (Pt): Presença, 1987

ZANELLA, L.C.H. **Metodologia da Pesquisa**. ed.2. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/ UFSC, 2013. pg.134